

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

MARISANGELA SERPA BRUM

**CONTRIBUIÇÕES DA CIBERCULTURA PARA A LEITURA E A ESCRITA DE
ESTUDANTES DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Jaguarão

2020

MARISANGELA SERPA BRUM

**CONTRIBUIÇÕES DA CIBERCULTURA PARA A LEITURA E A ESCRITA DE
ESTUDANTES DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Relatório Crítico-reflexivo apresentado ao Programa de Pós-Graduação Stricto sensu em Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestra em Educação.

Orientadora: Juliana Brandão Machado

Jaguarão

2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

B893c Brum, Marisangela Serpa

Contribuições da cibercultura para a leitura e a escrita de
estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental / Marisangela Serpa
Brum.

118 p.

Dissertação (Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa,
MESTRADO EM EDUCAÇÃO, 2020.

"Orientação: Juliana Brandão Machado".

1. Cibercultura. 2. Leitura. 3. Escrita. 4. Colaboração. 5.
Ubiquidade. I. Título.

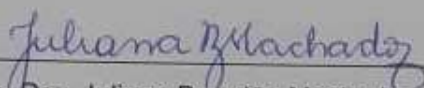
MARISANGELA SERPA BRUM

CONTRIBUIÇÕES DA CIBERCULTURA PARA A LEITURA E A ESCRITA DE
ESTUDANTES DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

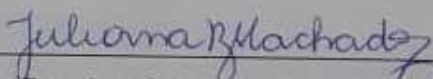
Relatório Crítico-reflexivo apresentado
ao Programa de Pós-Graduação
Stricto sensu em Educação da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para a obtenção do
Título de Mestra em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Juliana
Brandão Machado

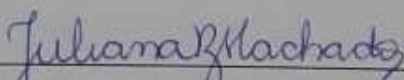
Relatório Crítico-Reflexivo defendido e aprovado em: 03 de setembro de 2020
Banca Examinadora:



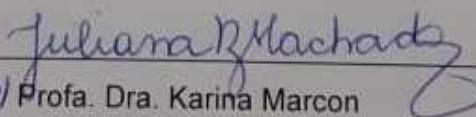
Prof^a. Dra. Juliana Brandão Machado – Orientadora
UNIPAMPA



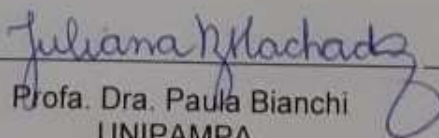
P/ Prof^a. Dra. Ana Cristina da Silva Rodrigues
UNIPAMPA



P/ Prof^a. Dra. Camila Gonçalves dos Santos do Canto
UNIPAMPA



P/ Prof^a. Dra. Karina Marcon
UDESC



P/ Prof^a. Dra. Paula Bianchi
UNIPAMPA

Dedico este trabalho à minha mãe Maria Tereza, meus filhos Lucas, Murilo e ao meu esposo Luís Carlos pelo incentivo e parceria de sempre. Obrigado aos demais familiares e amigos pelo apoio no decorrer da conquista deste sonho.

AGRADECIMENTO

Obrigado a todas as pessoas que contribuíram para meu sucesso e para meu crescimento como pessoa. Sou o resultado da confiança e da força de cada um de vocês (Augusto Branco).

Ao término de uma jornada é sempre importante fazer alguns agradecimentos:

Primeiramente agradeço a Deus por me conceder o privilégio de vivenciar este momento de adquirir e trocar conhecimentos junto com colegas e professores no Mestrado em Educação, ajudando-me a superar os percalços encontrados no decorrer da trajetória e me conduzir para ser perseverante nesta conquista.

Agradeço imensamente a minha mãe e minhas irmãs, por sempre estarem presentes em minha vida, por me incentivarem dizendo que sou capaz, por me passar segurança, tranquilidade, ouvir minhas angústias e cuidar de mim.

A minha orientadora Prof^a. Dr^a. Juliana Brandão Machado, agradeço por sua paciência com suas orientandas, pela sua generosidade em compartilhar comigo os seus conhecimentos me direcionando para seguir o melhor caminho, acreditando que no final tudo dará certo. Uma pessoa que está sempre com sorriso no rosto, com braços abertos para receber seus alunos, extremamente competente no que faz, quando necessitava fazia seus comentários, confesso que muitos tinha medo de ler ou ouvir, porém todos pertinentes para o desenvolvimento do trabalho acadêmico.

A todos os professores do Mestrado que de uma maneira ou de outra ajudaram com seus ensinamentos, em especial a Prof^a. Dr^a. Paula Bianchi por sua dedicação e nas horas difíceis trouxe uma palavra amiga.

Agradeço aos meus amados filhos Lucas e Murilo, juntamente com meu esposo Luís Carlos Brum que nos momentos de minha ausência dedicados ao meu estudo sempre compreenderam, apoiaram e me ajudaram a ultrapassar os obstáculos ao longo da caminhada.

Aos meus colegas da turma 2018 do Mestrado em Educação, em especial minhas parceiras Márcia, Gislaine, Gislei e Nádia por compartilharem os anseios, as dúvidas e conhecimentos produzidos neste período de formação.

A comunidade escolar Escola Estadual de Ensino Médio “20 de setembro”, pela receptividade e valorização do trabalho de intervenção aplicado, ajudando nos momentos que precisei.

Agradeço a turma do 5º ano de 2019, por participarem das atividades com alegria, vibração, energia e coleguismo sendo que foi por eles que esta pesquisa se efetivou. A minha querida sobrinha Vanessa pelos conselhos e me proporcionar alguns momentos de descontração, risadas e passando segurança nas horas tensas e difíceis.

A todos os amigos e familiares que nesses dois anos torceram para que meu sonho se tornasse realidade a minha **GRATIDÃO**.

RESUMO

Este relatório Crítico-Reflexivo apresenta a pesquisa-intervenção realizada na Escola Estadual de Ensino Médio “20 de setembro”, localizada no município de Arroio Grande, RS, e vinculada ao Mestrado Profissional em Educação. A pesquisa teve como tema o uso das tecnologias digitais de acordo com os princípios da cibercultura na prática da leitura e da escrita. O estudo teve como objetivo geral analisar as contribuições da cibercultura para os processos de leitura e de escrita dos estudantes do 5º ano, procurando avaliar se a intervenção corrobora com ensino e aprendizagem através das tecnologias digitais. Como conceitos centrais que fundamentaram a pesquisa foram discutidos Cibercultura, Leitura e Escrita e Letramento Digital. A pesquisa aplicada consistiu numa intervenção pedagógica desenvolvida em oito encontros, sendo o último proposto pelos sujeitos pesquisados mostrando interesse e participação nas atividades, com duração de 2h cada no período de novembro de 2019 a janeiro de 2020, com a participação de 20 discentes. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram observação, diário de campo, fotografia e filmagem, para posteriormente descrevermos a pesquisa e a avaliação da intervenção. O diagnóstico inicial foi realizado através de um grupo focal com os alunos para saber o interesse que eles possuem em relação à leitura e à produção textual e qual a frequência com que eles usavam as tecnologias digitais para se comunicarem. Foi escolhido o grupo focal para diagnosticar a importância do projeto, pois é um método interativo, qualitativo, por meio de linguagem informal, com discussões coletivas, com abrangência do assunto de forma dinâmica que não fique desinteressante aos alunos. A intervenção constituiu-se no embasamento da conclusão do diagnóstico aplicado, propomos aos sujeitos a utilização das tecnologias digitais para realização de algumas atividades em sala de aula que, para efeito da nossa pesquisa-intervenção utilizamos o *WhatsApp*. Buscamos elementos favoráveis para facilitar a aprendizagem dos alunos contemplando a leitura e a escrita na sala de aula e em outros espaços onde a criança exerça as suas produções. Para evidenciar os resultados da pesquisa foram construídas as categorias de análise: “Desenvolvimento de práticas da leitura e escrita” e “Uso das tecnologias digitais como forma de produzir e compartilhar conhecimentos”. De acordo com os encontros e as atividades realizadas no grupo de *WhatsApp* percebemos a participação ativa dos sujeitos, contribuindo para demonstrar que trabalhar com as tecnologias digitais possibilita uma interação e uma colaboração entre seus pares na produção do conhecimento, com mobilidade e ubiquidade, evidenciando uma mudança na prática educativa e incluindo os recursos digitais.

Palavras-chave: Cibercultura. Leitura. Escrita. Colaboração. Ubiquidade.

ABSTRACT

This Critical-Reflective report presents the research-intervention carried out at the State High School “20 de Setembro” located in the municipality of Arroio Grande, RS, during the Professional Master in Education. The research had as its theme the use of digital technologies with principles of cyberculture in the practice of reading and writing in the teaching and learning process. The general objective of the study was to learn about the contributions of cyberculture to the reading and writing processes of 5th grade students, trying to evaluate if the intervention corroborates teaching-learning through digital technologies. As central concepts that supported the research, Cyberculture, Reading and Writing and Digital Literacy were discussed. The applied research consists of a pedagogical intervention developed in eight meetings, where the last one being proposed by the researched subjects showing interest and participation in the activities, lasting 2 hours each from November 2019 to January 2020, with the participation of 20 students. The instruments used for data collection were observation, field diary, photography and filming, to describe later the research and the intervention evaluation. The initial diagnosis was carried out through a focus group with the students to find out their interest in reading and textual production and how often they used digital technologies to communicate. The focus group was chosen to diagnose the importance of the project, as it is an interactive, qualitative method, through informal language, with collective discussions, covering the subject in a dynamic way that is not uninteresting to students. The intervention constituted the basis for the conclusion of the applied diagnosis, we proposed to the subjects the use of digital technologies to carry out some activities in the classroom that, for the purpose of our research-intervention, we use WhatsApp. We look for favorable elements to facilitate students' learning, contemplating reading and writing in the classroom and in other spaces where the child exercises his or her productions. In order to highlight the research results, the analysis categories were constructed “Development of reading and writing practices” and “Use of digital technologies as a way to produce and share knowledge”. According to the meetings and activities carried out in the WhatsApp group, we perceive the active participation of the subjects, contributing to demonstrate that working with digital technologies enables interaction and collaboration among peers in the production of knowledge with mobility and ubiquity, showing a change in educational practice including digital resources.

Keywords: Cyberculture. Reading. Writing. Collaboration. Ubiquity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Frente da Escola "20 de setembro"	43
Figura 2 - Grupo Focal	48
Figura 3 - Registros da atividade na sala de vídeo: a) educadora-pesquisadora explanando sobre a atividade; b/c) educandos assistindo ao vídeo	52
Figura 4 - Registros da atividade "Telefone sem fio", imagens retiradas do vídeo que documentou a dinâmica: a) educadora-pesquisadora transmitindo o primeiro segredo; b/c) educandos repassando-o	53
Figura 5 - Pensamento apresentado para a introdução da atividade do segundo encontro da pesquisa	55
Figura 6 - Registros da atividade realizada pelo Grupo 1: a) componentes do grupo realizando a atividade; b) logotipo do produto; c) texto publicitário postado no grupo do WhatsApp	57
Figura 7 - Registros da atividade realizada pelo Grupo 2: a) componentes do grupo utilizando o computador da escola para pesquisar e ter ideias para seu produto; b) componentes do grupo realizando a atividade; c) logotipo do produto	58
Figura 8 - Registros da atividade realizada pelo Grupo 3: a) componentes do grupo realizando a atividade; b) logotipo do produto	59
Figura 9 - Registros da atividade realizada pelo Grupo 4: a) componentes do grupo realizando a atividade; b/c) trabalho desenvolvido pelo grupo	60
Figura 10 - Registro do segundo encontro	60
Figura 11 - Charges enviadas ao grupo de WhatsApp Aprendizagem no Zap	61
Figura 12 - Registros do terceiro encontro: a) educadora-pesquisadora com alguns educandos; b) grupos visualizando as charges no grupo do WhatsApp Aprendizagem no Zap; c) educandos discutindo e organizando a produção textual	63
Figura 13 - Memes produzidos pelo Grupo 1: a) meme produzido pelo aluno Free Fire; b) outro meme produzido pelo grupo	66
Figura 14 - Desenvolvimento da atividade pelo Grupo 2: a) meme produzido pelo grupo; b) pesquisadora auxiliando o grupo	67
Figura 15 - Desenvolvimento da atividade pelo Grupo 3: a) meme produzido com foto da pesquisadora; b) meme produzido com foto de uma participante do grupo	68
Figura 16 - Meme produzido pelo grupo 4	68
Figura 17 - Colagem dos memes para exposição no mural da escola	69

Figura 18 - História em quadrinhos apresentada à turma.....	71
Figura 19 - História em quadrinhos escolhida pelo Grupo 1	72
Figura 20 - História em quadrinhos escolhida pelo Grupo 3	73
Figura 21 - História em quadrinhos escolhida pelo Grupo 4	74
Figura 22 - Registro fotográfico do sexto encontro	74
Figura 23 - Ilustrações feitas pelos educandos referentes à música Aquarela	76
Figura 24 - Registro da atividade realizada no sétimo encontro	77
Figura 25 - Registro da atividade de edição de vídeo.....	79
Figura 26 - Registro da apresentação dos educandos	79
Figura 27 - Registro da entrega de medalhas e certificados.....	80
Figura 28 - Registro da confraternização de encerramento da pesquisa.....	81
Figura 29 - Registros da multifeira	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Síntese das intervenções	49
Quadro 2 - Listagem dos grupos e seus integrantes	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CRE	Coordenadoria Regional de Educação
EEEM	Escola Estadual de Ensino Médio
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
EMEFI	Escola Municipal de Ensino Fundamental Incompleto
PPP	Projeto Político-Pedagógico
SME	Secretaria Municipal de Educação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	21
2	TRAJETÓRIA DA PESQUISA.....	27
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	30
3.1	Cibercultura.....	30
3.2	Leitura e escrita	34
3.3	Letramento Digital	39
4	METODOLOGIA.....	42
4.1	O contexto da pesquisa-intervenção.....	43
4.2	Sujeitos da pesquisa-intervenção	46
4.3	Descrição da intervenção.....	46
4.4	Descrevendo os encontros	51
4.4.1	Primeiro encontro (11/11/2019).....	51
4.4.2	Segundo encontro (12/11/ 2019)	54
4.4.3	Terceiro encontro (13/11/2019)	61
4.4.4	Quarto encontro (18/11/2019).....	64
4.4.5	Quinto encontro (02/01/2020).....	69
4.4.6	Sexto encontro (03/01/2020).....	74
4.4.7	Sétimo encontro (06/01/2020).....	77
4.4.8	Oitavo encontro (08/01/2020)	78
4.5	Procedimentos de avaliação da intervenção	81
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	85
5.1	Desenvolvimento de práticas da leitura e escrita.....	85
5.2	Uso das tecnologias digitais como forma de produzir e compartilhar conhecimentos.....	88
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
	REFERÊNCIAS	96
	APÊNDICE A - PERGUNTAS ELABORADAS PARA O GRUPO FOCAL..	100
	APÊNDICE B - RESPOSTAS DOS ALUNOS DO GRUPO FOCAL	101
	APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR.....	111
	APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	113
	APÊNDICE E – CARTA DE APRESENTAÇÃO	115

APÊNDICE F - TEXTOS ELABORADOS PELOS ALUNOS NO GRUPO DO <i>WHTSAPP</i> APRENDIZAGEM NO ZAP.....	116
--	------------

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa-intervenção que foi realizada no decorrer do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa, no Campus Jaguarão. A investigação teve como objetivo principal analisar as contribuições da cibercultura para os processos de leitura e de escrita dos estudantes do 5º ano. E como objetivos específicos propiciar o uso das tecnologias digitais, a fim de colaborar e compartilhar conhecimentos, e estimular a linguagem e a escrita dos alunos, através de atividades prazerosas e diversificadas. A intervenção foi realizada na Escola Estadual de Ensino Médio (EEEM) 20 de setembro, situada no município de Arroio Grande/RS.

Uma das maiores inquietudes dos professores do Ensino Fundamental é fazer com que a leitura e a escrita se tornem uma atividade agradável e prazerosa para ser trabalhada com os alunos dos anos iniciais. Desde o começo da minha trajetória, como aluna e também como educadora, observo o anseio de ambas as partes, principalmente ao se falar em uma produção textual. Constatei que, em geral, os educandos não conseguem produzir algo quando não estão preparados para a construção da escrita ou recebem uma proposta descontextualizada, salientando a falta de interesse, engajamento e envolvimento.

Para que o professor consiga que os alunos redijam os textos e se interessem pela leitura de diferentes gêneros textuais, deve levar em conta as potencialidades e as habilidades que os sujeitos nascidos na era digital apresentam (PRENSKY, 2001). Munido de ferramentas pedagógicas que estimulem os alunos ao aprender, é importante aproximar a realidade por eles vividas ao ensino e aprendizagem.

As tecnologias digitais, quando aplicadas na educação, devem ser utilizadas de maneira crítica e responsável, com planejamento e monitoramento do professor. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no texto que fala sobre as “Competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental” prevê duas competências gerais que estão relacionadas ao uso das tecnologias em sala de aula sendo guiados como uma proposta pedagógica:

Competência 4: Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), **corporal, visual, sonora e digital** –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Competência 5: Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2017, p. 65).

Diante desta afirmação, fica claro que o mundo está se transformando e hoje nos deparamos com educandos em contato diário com as tecnologias digitais possibilitando formas diversificadas de expressão e comunicação. As escolas públicas necessitam pensar em alternativas para potencializar o uso das tecnologias digitais, para pontuar estas competências. Nota-se, também, que a maioria dos docentes utiliza as tecnologias digitais para pesquisa e preparo de suas aulas e preferem somente o caderno, o lápis e o quadro para ministrarem suas aulas desta forma “[...] a educação é e sempre foi um processo complexo que utiliza a medida de algum meio de comunicação como complemento ou apoio à ação do professor em sua interação pessoal e direta com os estudantes” (BELLONI, 1999, p. 54). A adesão aos novos recursos tecnológicos é extremamente importante e pertinente para o acesso ao conhecimento e facilita ao educando formar sua opinião e delinear um processo de ensino-aprendizagem. Com esta premissa, Gadotti (2002, p. 30-33) define a importância da aproximação entre as tecnologias, professor e aluno:

Desta forma o uso das tecnologias passa a aproximar alunos e professores, já que o aluno sai do papel de receptor de informação, para um sujeito ativo e participativo. O professor deixará de ser um lecionador para um organizador do conhecimento e da aprendizagem [...] um mediador do conhecimento, um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador da aprendizagem.

Os dispositivos digitais entraram no mercado de consumo, revolucionando a cultura infantil, mudando seus hábitos e interesses. Com a sociedade em rede (CASTELLS, 1999), observamos que os materiais tecnológicos chegam em nossa escola, no entanto, não sabemos ou temos resistência de usá-los para mediar o nosso trabalho. O papel do educador, então, é de criar ambientes de formação, inteligentes e desafiadores, que preparem as pessoas para a comunicação efetiva, utilizando o ciberespaço para melhorar o ensino e a aprendizagem, tornando-o atraente e participativo. Para Lévy (1999, p. 29): “[...] o ciberespaço como suporte da inteligência coletiva é uma das principais condições de seu próprio desenvolvimento”. Essa concepção de ciberespaço pode contribuir para pensarmos no contexto da escola que

abarca todas as questões da vida social do educando. Com a integração das tecnologias digitais nas aulas, usando-as como mais um meio para que o ensino tenha mais sentido para as crianças e direcioná-las para uma metodologia de busca de conhecimento, pesquisa e interesse mútuo.

Para Santaella (2004), precisamos atender o perfil do leitor imersivo que gosta de estar em espaço virtual para viajar em sua imaginação. O professor deve se adequar às mudanças da era digital, para isso precisa ser criativo e ousado, em seu fazer pedagógico, refletindo sobre sua prática e deverá perceber o papel da tecnologia para a educação, modernizando suas aulas, aguçando o interesse do aluno em ler o mundo através da tela do computador no seu ciberespaço, ou seja, preparando-se para receber o aluno. Pensar na relação que vai estabelecer entre professor e aluno, nos problemas que a tecnologia pretende resolver e em qual impacto para o aprendizado, são questões que devem subsidiar a definição dos dispositivos, dos objetos digitais de aprendizagens e das plataformas que serão adquiridas.

Durante muitas décadas pudemos perceber as inovações decorrentes da escrita desde os tempos da pré-história até o mundo contemporâneo. Deve-se muito às tecnologias digitais e midiáticas com um avanço que atinge todas as partes do mundo de forma progressiva. Desta maneira, estamos em constante busca de informações, acessibilidade e de pensamento.

Chartier (1998) aborda o processo de evolução da escrita, a falta de interesse e o distanciamento que o leitor tem do texto. O autor comenta sobre as possibilidades que surgem da leitura na tela dos computadores, com uma nova comunicação ligada aos textos, imagens e som, ocorrendo a construção de diferentes signos.

Ao trabalhar as competências “Utilizar diferentes linguagens – verbal, corporal, visual, sonora e digital” e “Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética” que aparecem na BNCC (BRASIL, 2017, p. 65), empregando-as de forma lúdica, criativa e diversificada, poderá haver um maior engajamento dos sujeitos com suas produções e desta forma possibilitará melhores resultados no estudo, pois: “O uso significativo da leitura e da escrita na escola, também é um motivador e contribui para iniciar a criança a aprender a ler e escrever” (SOLE, 1998, p. 62).

A leitura e a escrita não podem ser vistas como apenas símbolos e codificações, elas devem ser interpretadas e compreendidas pelo leitor, a fim de que se destaque uma construção de conhecimento, na interação entre o sujeito e a leitura

e na possibilidade de imergir no mundo da imaginação e transcrevê-la com auxílio do computador e com mediação do professor. Freire (1983, p. 46) comenta que “[...] os signos são os próprios fatos, acontecimentos, situações reais ou imaginárias em que os sons, paisagens, imagens tendem a melhorar a relação homem-meio-mundo”.

No entanto, precisamos manter um intercâmbio entre a leitura e a escrita, para que ela se torne significativa e relevante para o educando, desta forma “[...] a leitura, possibilitando a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências, parece ser o único meio de desenvolver a originalidade e autenticidade dos seres que aprendem” (SILVA, 1993, p. 43). A maioria dos sujeitos utiliza as tecnologias digitais no seu cotidiano e realiza escritas, conversas, desenhos, recebe informações instantâneas a cada minuto. Sendo assim, precisamos, como educadores, aproveitar estas potencialidades e levá-las à sala de aula como aliadas à aprendizagem.

No mundo globalizado, os educadores necessitam adaptar-se aos avanços tecnológicos, usando-os como facilitador do conhecimento, percebendo que os nativos digitais se interessam por jogos, softwares, games, onde o cenário sociocultural que nos afeta modifica nossos hábitos de trabalhar e aprender, além de introduzir desafios relacionados à utilização das tecnologias (CASTELLS, 1999). Viajando, neste mundo virtual, vamos encontrar mecanismos para desencadear uma produção colaborativa e participativa numa rede de informações importantes para o avanço na educação da cidade de Arroio Grande.

Em minha prática pedagógica cotidiana observo que, mesmo indiretamente, já utilizo o ciberespaço para comunicação com os alunos e deles entre si. Isto acontece sempre que preciso dar um aviso ou passar os conteúdos estudados no dia, principalmente quando algum aluno falta à aula. Ao mesmo tempo, após a aula, a maioria se conecta e passa a conversar sobre diversos assuntos, comentar sobre como foi a aula, conversar com amigos, criam postagens, compartilham informações sobre acontecimentos. Desta maneira, Santos (2005, p. 19) define que:

No tempo e no espaço do ciberespaço, pessoas podem colaborar e criar laços de afinidades, constituindo-se em comunidades, trocando informações, recriando significados, participando, colaborando e compartilhando informações em rede.

Percebemos a necessidade de remodelar a sala de aula e o processo de ensino e aprendizagem, assim, formando um espaço de interação, colaboração e compartilhamento de leitura e produção textual feita pelos alunos em uma dinâmica de comunicação virtual. Estamos mudando aquele espaço físico, convencional, para um espaço de conectividade, de convergência midiática onde todos produzem, compartilham, leem e curtem. Esta prática, Santaella (2004, p. 71) chama de conexão onipresente:

Graças à digitalização e a compreensão dos dados, todo e qualquer tipo de signo pode ser recebido, estocado, tratado e difundido, via computador. Aliada à telecomunicação, a informática permite que esses dados cruzem oceanos, continentes, hemisférios, conectando potencialmente qualquer ser humano no globo numa mesma rede gigantesca de transmissão e acesso que vem sendo chamada de ciberespaço.

A pesquisa-intervenção favorece a busca de uma alternativa concreta para que “[...] os alunos possam elaborar seu pensamento através da escrita e de leituras mais variadas e de acordo com seu interesse, disponibilizando conexões e experimentações estabelecidas entre si” (SIBILIA, 2012, p. 15). Possibilita, também, refletir sobre a adaptação que as crianças nascidas nesta era digital, têm que se submeter diariamente pela utilização de alguns recursos ultrapassados e envelhecidos, que coexistem com as novas tecnologias. Desta maneira, Santos (2013, p. 09) afirma que:

Observando o contato do aluno com vários textos através do aplicativo *WhatsApp*, encontrei um importante suporte para trabalhar a leitura em sala de aula. Funcionando como rede social, já que é utilizado para se comunicar e interagir com o outro, o *WhatsApp* permite trabalhar com a multimodalidade textual uma vez que, através dele, enviamos ou recebemos mensagens de texto, áudio, imagem ou vídeo.

Assim se justifica a utilização de tecnologias digitais aplicadas nesta pesquisa-intervenção, sendo realizadas atividades que norteiam o compartilhamento, a colaboração e a ubiquidade através do aplicativo *WhatsApp*, criando com os educandos um grupo para postarem as atividades em uma rede de interação, de maneira dinâmica e aplicada, usando a cibercultura para mediar o ensino-aprendizagem.

Este relatório crítico-reflexivo está organizado em seis capítulos, o primeiro, *Introdução*, o segundo, *Trajatória da pesquisa*, é um memorial descritivo de minha

trajetória profissional e acadêmica. O próximo capítulo é a *Fundamentação teórica* que expõe os temas Cibercultura, Leitura e Escrita e Letramento Digital, de forma a acrescer o conhecimento sobre as temáticas e justificar a pesquisa. O quarto capítulo é a *Metodologia*, que está dividida em: O contexto da pesquisa-intervenção; Sujeitos da pesquisa-intervenção; Descrição da intervenção; Descrevendo os encontros e Procedimentos de avaliação da intervenção. O próximo capítulo discorre sobre a *Análise e discussão dos resultados*, subdividida em duas partes: Desenvolvimento de práticas da leitura e escrita e Uso das tecnologias digitais como forma de produzir e compartilhar conhecimentos. Por último estão as *Considerações finais*, que tomam os objetivos da pesquisa-intervenção e finalizam o relatório.

2 TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Começo a pesquisa contando um pouco da minha formação como educadora e pesquisadora. No ano de 1990, ainda muito jovem, ingressei no Curso Normal, que era de nível médio, com duração de três anos e meio, sendo que estava incluído estágio nas escolas estaduais. Durante este período, de amadurecimento e de transição da adolescência, percebi que estava no caminho certo e a educação trouxe possibilidades de aprendizagem. Estagiei com uma turma de 2ª série, no ano de 1993, em uma escola pública da periferia, com alunos apresentando diferentes problemas de aprendizagens e de desigualdade social. Aprendi muito com esta turma, me senti comprometida com o crescimento destes sujeitos em formação.

No ano seguinte, em 1994, prestei concurso público para atuar na rede municipal de Arroio Grande. Este concurso contemplava quatro vagas, sendo todas elas na zona rural do município. Fiquei em primeiro lugar em uma escola que se localizava a 25 km da sede da cidade. As turmas eram de classe mutisseriada (1ª a 5ª série) e a escola recebeu o nome da doadora do terreno em que foi construído o prédio, Escola Municipal de Ensino Fundamental Incompleto Dona Margarida Maiche Salaberry, hoje a escola se encontra desativada. Assim, continuei minha busca por mais conhecimento e conseqüentemente crescimento profissional e pessoal, participando de palestras seminários e cursos oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação (SME).

No ano de 1997, senti a necessidade de ampliar os meus conhecimentos e fui transferida para lecionar em uma escola da zona urbana. Nesta ocasião prestei vestibular para cursar Pedagogia na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). No ano seguinte comecei a estudar e voltei novamente a lecionar em uma escola rural (Escola Municipal de Ensino Fundamental Incompleto - EMEFI Basílio Conceição), na ocasião não morava na localidade e usava o transporte escolar.

Em 1999 convidaram-me para participar do quadro docente da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Presidente João Goulart, onde permaneço até hoje. Atuei em várias turmas, realizei vários projetos e feiras escolares, sempre buscando a interação e a motivação dos alunos, pois só se motiva quem está dentro do processo, quem se inclui, participa e se acha capaz.

Na Pedagogia fiquei apaixonada com a maneira com que Paulo Freire e Vygotsky viam a educação e quanto estes pensadores possibilitaram-me entender a

preciosidade e os desafios do ato de ensinar. No final do ano 2000 concluí mais uma etapa, o curso de Pedagogia. A partir dali fui convidada para ser supervisora escolar, permanecendo do ano de 2005 até 2009. Em 2006, além de ser supervisora na escola Pres. João Goulart, fui atuar na Escola Municipal Neir Horner da Rosa, para exercer a mesma função.

No ano de 2010 assumi uma turma do 5º ano da Escola João Goulart e coordenei o projeto “Criação, arte e propaganda: uma maneira lúdica de ensinar”. Este projeto surgiu da dificuldade que os alunos tinham para elaborarem textos; com algumas investigações feitas com as crianças foi observado o interesse deles pelas propagandas. Na ocasião visitamos canais de televisão em Pelotas, rádios, jornais e pesquisamos propagandas antigas, debates dos pontos negativos e positivos da mídia e várias outras atividades escolares.

As tecnologias digitais pareciam tão distantes do nosso mundo, estavam elas engatinhando, não se falava em computadores, celulares, *Tablets*, enfim, tantas outras que surgiram no decorrer do percurso, afinal usávamos o que achávamos de melhor para a época. A TV, videocassete, toca-fitas, montagem de gravuras, retroprojeter, imagem e som eram os recursos que tínhamos para estimular o processo da leitura e da escrita. Com o passar dos anos percebi uma gradativa mudança nas escolas, surgindo a era digital, os educandos cada vez mais conectados nos assuntos variados e na escola precisamos ser um mediador deste conhecimento. Para buscar mais saberes e ampliar o meu conhecimento na área das dificuldades de aprendizagem, interessei-me por fazer uma pós-graduação na área de Psicopedagogia, voltei a estudar as fases do desenvolvimento da criança com Piaget (1976, p. 59), ficando marcante a frase que contempla todo o processo: “O professor não ensina, mas arranja modos da própria criança descobrir. Cria situações problemas [...]”. Nesta ocasião, decidi seguir um estudo profundo em um tema para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que contribuísse para minha prática tanto profissional como pessoal, “Transtorno de linguagem”, devido que tenho um filho com dificuldades na fala e recebo alunos com este transtorno.

A formação continuada do professor é um processo permanente de aperfeiçoamento necessário para transformação da educação e uma qualidade de ensino, mantendo-nos atualizados e ajudando nas práticas pedagógicas. Tal prática está além das atualizações científicas ou pedagógicas gerando uma mudança no contexto escolar, assim:

O conhecimento profissional consolidado mediante a formação permanente apoia-se tanto na aquisição de conhecimentos teóricos e de competências de processamento da informação, análise e reflexão crítica em, sobre e durante a ação, o diagnóstico, a decisão racional, a avaliação de processos e a reformulação de projetos (IMBERNÓN, 2010, p. 75).

Desta forma, pensando em uma busca constante de aprendizagem, resolvi ingressar no Mestrado Profissional em Educação, buscando a experimentação do novo, do diferente, a partir das experiências profissionais e possibilitando, com isso, aplicar um projeto de leitura e de escrita colaborativa em uma turma do 5º ano do ensino fundamental, a fim de contribuir com uma aprendizagem qualitativa e satisfatória a estes educandos.

Com esta proposta de auxiliar os educandos na sua aprendizagem, inseri as tecnologias digitais numa perspectiva da cibercultura, que gera uma conexão mais acentuada entre os educandos e possibilita uma conectividade maior, enfatizando os interesses comuns dos sujeitos (SANTOS, 2013).

Atualmente, atuo em uma escola municipal há 25 anos, com uma turma de 5º ano no turno da manhã, sendo que esta escola tem alunos que moram na zona rural do município de Arroio Grande, com uma grande distorção de idade-série, porém são oferecidos monitores e psicopedagoga para acompanhá-los. No turno da tarde leciono em uma escola estadual com uma turma de 5º ano, que são envolvidos com o processo ensino-aprendizagem, gostam de interagir e percebe-se um grande interesse em usar as tecnologias digitais. Diante destas experiências, desenvolvi uma pesquisa-intervenção sobre o uso das tecnologias digitais numa proposta de produção colaborativa de leitura e escrita mediadas pela cibercultura gerando informações e adquirindo conhecimento.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, procuramos delinear os conceitos relacionados ao relatório crítico-reflexivo, que estão apresentados nos seguintes tópicos: Cibercultura, Leitura e Escrita e Letramento Digital, cada qual abordando questões pertinentes ao problema de pesquisa, o letramento digital, os avanços tecnológicos ao longo da história, a cibercultura, a produção textual utilizando as tecnologias digitais e a escrita colaborativa.

3.1 Cibercultura

As descobertas no campo tecnológico alteraram a maneira de pensar e, conseqüentemente, a cultura contemporânea, que passou a se relacionar diretamente com a tecnologia. Essa associação intensa mudou a sociedade, que precisou compreender e consentir essas transformações, passando a ser uma sociedade da informação, comunicação e compartilhamento. Dessa maneira, a sociedade vem se adaptando às tecnologias digitais, tornando usuais os dispositivos digitais e a conexão em rede em seu cotidiano (PRETTO, 2011).

Assim surge o termo cibercultura, que é abordado na contemporaneidade como uma cultura de saberes e informações interligadas em rede, onde os interessados têm acesso, podendo interagir entre si e contribuindo com o desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Para Lévy (1999), cada pessoa é dotada de saberes e experiências e desta maneira é capaz de interagir com outras e adquirir conhecimento de forma cooperativa. O autor conceitua a cibercultura como:

[...] o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 1999, p. 17).

No século XXI, em que a maioria usa os equipamentos digitais, se comunica interativamente e possui acesso diário à internet, manifesta-se no mundo moderno a cibercultura como alternativa tecnológica do processo ensino-aprendizagem, afirmando esta prática inovadora como inteligência coletiva, que, conforme afirma

Lévy (2003), é uma inteligência compartilhada que surge da colaboração de muitos indivíduos em suas diversidades.

Com as tecnologias digitais, a interatividade e sociabilidade ultrapassaram as barreiras do espaço geográfico e do tempo cronológico, gerando um universo coletivo e colaborativo, onde se permitem trocas e participações não lineares, por exemplo, é possível ter informações geradas e emitidas por qualquer pessoa, a qualquer momento e de qualquer local. Elucidando o princípio da conexão, que permite que testemunhas produzam e veiculem informações em tempo real. A liberação de softwares, o acesso à rede de comunicação e a acessibilidade aos dispositivos móveis executam a função de conexão, intensificando a inteligência coletiva para criação, colaboração e compartilhamento de informação (SANTOS; SANTOS, 2012).

Reconhecendo a cibercultura como um conjunto de técnicas materiais e intelectuais transformadoras (LÉVY, 1999), é possível ressignificar o contexto escolar como, por exemplo, introduzir os recursos tecnológicos para favorecer o interesse na leitura e produção textual de acordo com a realidade vivida, ofertando espaços de diálogos na sala de aula, estabelecendo assim, uma nova relação entre professores e alunos.

Nessa perspectiva, é oportunizada a criação coletiva de conteúdo e informação, através de ferramentas comunicacionais, atribuindo ao aluno a participação ativa na aprendizagem. Assim Santos e Santos (2012) defendem a educação baseada nas experiências de professores e alunos no contexto cibercultural contemporâneo, “[...] uma educação que se aproprie das potencialidades comunicacionais e pedagógicas das mídias digitais e das redes sociais” (SANTOS; SANTOS, 2012, p. 179).

Nesta perspectiva, percebemos que Lévy (1999, p. 173) vê uma mudança dos saberes e da comunicação, pois “[...] os professores aprendem ao mesmo tempo em que os estudantes se atualizam continuamente tanto seus saberes ‘disciplinares’ como suas competências pedagógicas”. A cibercultura também permite que os alunos se tornem coautores do processo de ensino e aprendizagem, pois se sentem à vontade neste espaço, onde até mesmo sabem mais que os professores, auxiliando-os com as ferramentas tecnológicas, isso os faz sentirem-se confiantes e partes atuantes do processo, tornando assim, a aprendizagem mais significativa (SANTOS; SANTOS, 2012).

Atualmente, na educação, observa-se a necessidade da escola, enquanto uma instituição formativa, estar vinculada às tecnologias digitais para preparar os docentes

e discentes às mudanças da evolução na era digital. De acordo com Sibilia (2012, p. 181):

Enquanto os alunos de hoje vivem fundidos em diversos dispositivos eletrônicos e digitais, a escola continua obstinadamente, arraigada em seus métodos e linguagem analógicos. Isso talvez explique por que os dois não se entendem e as coisas já não funcionam como se esperaria.

A partir dessa premissa vemos que é necessário oferecer aos educandos uma proposta estimuladora de ensino e mostrar que não é só em casa que interagimos e aprendemos virtualmente, podemos utilizar esta dinâmica em momentos na escola e inserindo os alunos neste ensino contemporâneo e incitador para a aquisição de conhecimento.

As tecnologias digitais propiciam inúmeras possibilidades para a educação, desde que se permita experimentar a liberdade de conexão, de compartilhamento, de conhecimento e de interação. Assim ultrapassando os limites da individualidade e da oclusão, a educação pode tomar um novo rumo, fundamentando o conhecimento em um processo colaborativo com a participação ativa de todos os sujeitos, visando uma formação inclusiva para o exercício da cidadania, com processos de interação social e cultural (BONILLA; SOUZA, 2011).

Envolver o ensino com o contexto social e tecnológico, essa é a chave para a educação contemporânea. Essa estratégia amplia o leque territorial do professor, a cibercultura se alia ao processo de ensino e aprendizagem, possibilitando a sistematização de saberes e experiências, assim o professor interliga os contextos: escolar, social e digital (SANTOS; SANTOS, 2012).

O surgimento da internet criou um espaço para compartilhamento de conhecimento, o ciberespaço, que na educação gera um novo meio para a expressão, conhecimento e comunicação. Lemos e Lévy (2010, p. 138) definem o ciberespaço como:

[...] um espaço (relacional) de comunhão colocando em contato, através do uso de técnicas de comutação eletrônica; pessoas do mundo. Elas estão utilizando todo o potencial da temática para se unir por interesses comuns, para bater papos, para trocar arquivos, fotos, músicas e correspondências.

Apesar das mudanças tecnológicas ocorridas, a escola continua com muitas das mesmas características com as quais foi arquitetada, não acompanhou esse

desenvolvimento de forma objetiva. Mesmo que muitas escolas já tenham acesso às tecnologias e, assim componham o ciberespaço, ainda há a dificuldade de compreensão da comunidade escolar sobre como utilizar as tecnologias disponíveis para aprimoramento do ensino-aprendizagem. De acordo com Lemos (2003, p. 12):

A Cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a Cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente (home banking, cartões inteligentes, celulares, palms, pagers, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). Trata-se assim de escapar, seja de um determinismo técnico, seja de um determinismo social. A Cibercultura representa a cultura contemporânea sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna.

Os jovens utilizam muito as tecnologias digitais no seu dia-a-dia. Pensando nesta ótica, é indubitável a afirmação de Lévy (1999) que define a inteligência coletiva como uma forma de conhecimento propiciado pelas conexões sociais que se tornam viáveis mediante a utilização das redes de internet. Com isso, percebemos que o ciberespaço fornece um ambiente de comunicação em massa.

Para Pretto (2011), a juventude contemporânea está encadeada com a produção e compartilhamento de informação, utilizam as tecnologias para incrementar a linguagem, introduzindo novos códigos e novos textos com diversos contextos de criação, com ícones, símbolos, vídeos, entre outros. Assim, o autor caracteriza essa juventude como “geneticamente modificada”, ou seja, adaptada a cibercultura, à essa imposição das transformações e evolução das tecnologias.

A inteligência coletiva aparece como uma soma de saberes que se multiplicam e se renovam, fornecendo opiniões e conceitos com diferentes visões sobre um determinado assunto. Com esta cultura digital, podemos pensar na produção textual coletiva, na qual o aluno consiga ampliar o olhar de um tema pré-definido e todos possam oferecer sugestões, fomentando o enriquecimento das ideias.

Dessa maneira, a escrita colaborativa envolve os sujeitos participantes virtualmente para que o processo de conhecimento ocorra. A rotina da sala de aula muda, podendo criar e revolucionar um espaço de compartilhamento e de criatividade. Conforme Lévy (1999, p. 08-09):

É certo que a escola é uma instituição que há cinco mil anos se baseia no falar/ditar do mestre, na escrita manuscrita do aluno e, há quatro séculos, em uso moderado da impressão. Uma verdadeira integração da informática supõe, portanto o abandono de um hábito antropológico mais que milenar [...]

Valoriza-se a concepção colaborativa de aprendizagem, fundamentada na participação dos envolvidos, sem um ponto central de referência: professor ou aluno, onde haja interatividade entre os sujeitos e que todos colaborem e introduzam seu conhecimento, problematizando situações reais que os provoquem a perceber novas perspectivas, assim construindo o conhecimento de acordo com suas necessidades e ambições. Cada sujeito se torna parte da rede de compartilhamento e criação, sendo os nós que conectam à rede com suas experiências e ideais, enriquecendo e fortalecendo o todo (BONILLA; SOUZA, 2011).

Vamos, desta forma, buscar elementos favoráveis para facilitar a aprendizagem dos alunos para contemplar a leitura e a escrita na sala de aula e em outros espaços onde a criança exerça as suas produções. Sendo assim, é importante considerar que se nós já vivemos esta era digital todos os dias, nos ambientes mais diversificados, e a escola ainda apresenta uma maneira analógica de ensinar, a mudança da escola deve se relacionar à adequação dos métodos de ensinar para os padrões contemporâneos.

3.2 Leitura e escrita

No processo de aprendizagem, a leitura e a escrita das crianças percorrem caminhos simultâneos e importantes para o desenvolvimento do pensamento lógico. Desde cedo temos contato com símbolos e códigos que nos ajudam a fazermos a leitura do mundo em que estamos inseridos.

Através da escrita, o sujeito desenvolveu melhor a comunicação e registrou os acontecimentos percorridos no decorrer do tempo. Em relação ao processo da evolução da escrita, com a civilização mais antiga foram atribuídos desenhos, figuras e sinais representando numerologias e podiam simbolizar rituais religiosos com pinturas de deuses oriundos de suas imaginações. Este processo de escrita nas cavernas se deu há 30 mil anos no período Paleolítico (SOUZA; SANTOS FILHO; TRINCHÃO, 2015), o ser humano procurava usar a sequência de ideias para narrar fatos ou fazer algum tipo de apontamento.

Nesta época, podemos dizer que ocorreu um avanço tecnológico, pois a escrita nas cavernas possibilitou uma comunicação entre gerações e transcreveu fatos históricos que marcaram uma época. Para comprovar esta historicidade, Chartier (2009, p. 49) comenta que:

As representações coletivas, na maneira como são definidas pela sociologia de Durkheim e Mauss, incorporam nos indivíduos, sob a forma de esquemas de classificação e juízo, as próprias divisões do mundo social. São elas que transmitem as diferentes modalidades de exibição da identidade social ou da potência política tal como as fazem ver e crer os signos, as condutas e os ritos. Por último, essas representações coletivas e simbólicas encontram, na existência de representantes individuais ou coletivos, concretos ou abstratos, as garantias de sua estabilidade e de sua continuidade.

Avançando historicamente, saltamos para a trajetória da tipografia, o desenvolvimento das letras, que partiu dessa escrita nas cavernas, com desenhos rudimentares, se aperfeiçoando para promover uma melhor comunicação. Gruszynski (2008, p. 31) conceituou a tipografia como “[...] um conjunto de signos de função notacional, cujo significante não é a palavra (semema, morfema ou fonema), mas o desenho das letras do alfabeto”. Assim com o desenvolvimento da tipografia, a comunicação foi se tornando mais efetiva e universalizada.

Com o passar do tempo, mais precisamente na Idade Média, a escrita esteve vinculada principalmente aos interesses religiosos e políticos. Durante um período a aquisição da leitura e da escrita ficou restrita aos monges, após a queda do império romano o analfabetismo cresceu e posteriormente a igreja necessitava difundir sua história e cultura e convenientemente aumentar o índice de pessoas alfabetizadas.

Os grandes mestres ensinavam seus discípulos a ler e escrever, os livros eram produtos de conhecimentos somente para poucos e as grandes bibliotecas eram um ambiente cultural, precisando que a tipografia aumentasse a impressão dos livros. As leituras eram uma forma de interpretação do mundo e também da transformação dos significados. Para entendermos melhor o ato de ler e interpretar signos vemos que:

A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Conceder deste modo atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção de sentido (na relação de leitura, mas em muitas outras também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas, e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas (CHARTIER, 1990, p. 26-27).

A leitura e a escrita foram se modificando conforme o tempo, exigindo novas formas, novos contextos e principalmente conforme o crescimento da sociedade contemporânea. Com a era digital, surge o leitor ubíquo, disseminando conhecimento

com informações a todo o momento e atualização imediata com fatos reais e tornando estes leitores seres questionadores e posicionados. Para Santaella (2013), o leitor ubíquo possui a capacidade de ler e transitar em textos midiáticos, em formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos, direções, cores e luzes caracterizando uma prontidão cognitiva e movente mesmo estando presente em um único lugar. A aprendizagem ubíqua é onipresente, espontânea, assistemática e atualizada de acordo com as circunstâncias e de curiosidades contingentes. O acesso à informação é livre e contínuo utilizando os dispositivos digitais e os espaços virtuais para adquirir o conhecimento.

A escola deve procurar mecanismos para utilizar as tecnologias digitais nas aulas, para tanto os educandos serão apresentados a novas formas de aprender, pensar e agir. Selecionando fontes variadas, podemos encontrar vários gêneros textuais, desta maneira o professor terá a possibilidade de trazer para a sala de aula este recurso tão usado pelas crianças a seu favor, tornando a leitura e a escrita mais prazerosa levando em conta as experiências inovadoras que eles trazem para a sociedade. Para Chartier (1998, p. 100-101):

Abrem-se possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica de textos modifica totalmente sua condição: a materialidade do livro é substituída pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contiguidade estabelecidas no objeto impresso ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. Essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais.

Na perspectiva de abranger o universo da leitura em um ambiente virtual sem limites para imaginar e criar novas maneiras de realizar a leitura e a escrita, possibilitando a troca de culturas virtuais e informativas: “Essa conectividade intensifica a colaboração real ou interatividade instantânea, que pode permitir melhores tomadas de decisões” (SANTAELLA, 2013, p. 292). Nunca devemos abrir mão dos livros em sala de aula, sendo eles impressos ou digitais, como incentivo à leitura e a escrita, pois a leitura permite ampliar o seu pensamento através da escrita. Assim, o professor deve ser o mediador deste processo, procurando um método adequado ao interesse de cada aluno tornando a aprendizagem mais dinâmica (LÉVY, 1999).

Para incentivar a leitura e a escrita dos estudantes, foi elaborada uma lei para consolidar a importância deste ato visando políticas de estímulo ao conhecimento e a tecnologia. No ano de 2018 foi elaborado e sancionado o Plano Nacional de Incentivo à Leitura e a Escrita no Brasil, a Lei nº 13.696, de 12 de junho de 2018:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituída a Política Nacional de Leitura e Escrita como estratégia permanente para promover o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas de acesso público no Brasil.

Parágrafo único. A Política Nacional de Leitura e Escrita será implementada pela União, por intermédio do Ministério da Cultura e do Ministério da Educação, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios e com a participação da sociedade civil e de instituições privadas.

IV- a articulação com as demais políticas de estímulo à leitura, ao conhecimento, às tecnologias e ao desenvolvimento educacional, cultural e social do País, especialmente com a Política Nacional do Livro, instituída pela Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003;

V- o reconhecimento das cadeias criativa, produtiva, distributiva e mediadora do livro, da leitura, da escrita, da literatura e das bibliotecas como integrantes fundamentais e dinamizadoras da economia criativa.

Art. 2º São diretrizes da Política Nacional de Leitura e Escrita:

IV- a articulação com as demais políticas de estímulo à leitura, ao conhecimento, às tecnologias e ao desenvolvimento educacional, cultural e social do País, especialmente com a Política Nacional do Livro, instituída pela Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003;

Art. 3º São objetivos da Política Nacional de Leitura e Escrita:

I- democratizar o acesso ao livro e aos diversos suportes à leitura por meio de bibliotecas de acesso público, entre outros espaços de incentivo à leitura, de forma a ampliar os acervos físicos e digitais e as condições de acessibilidade (BRASIL, 2018).

Analisando esta lei, percebe-se que precisamos encontrar estratégias para que os educandos se interessem pela literatura e que fomentem ações que estimulem a leitura e a escrita na escola com a democratização dos livros e oportunizar agentes facilitadores para a produção textual. Oferecer e oportunizar situações variáveis para incentivar a leitura e a escrita de maneira que o sujeito se interesse aos diversos tipos de textos e com possibilidade variadas de linguagens, assim esta lei abrange a possibilidade de o educando ter assegurado este acesso ao livro, à leitura e à escrita.

Na turma do 5º ano percebe-se que os educandos são capazes de pensar, agir e produzir diferentes textos com criatividade e entusiasmo, desde que sejam bem estimulados e esta proposta de utilizar a cibercultura no contexto escolar pode orientar as práticas da linguagem ou em um Letramento Digital para entrar nas habilidades dos novos leitores e escritores. A BNCC (BRASIL, 2017 p. 65) contempla a habilidade da leitura e da escrita da seguinte maneira:

- Planejar e produzir, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, listas, agendas, calendários, avisos, convites, receitas, instruções de montagem e legendas para álbuns, fotos ou ilustrações (digitais ou impressos), dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto/ finalidade do texto.
- **Compreender a situação complexa:** Identificar variáveis endógenas e exógenas; relacionar elementos relevantes; comparar com concepções prévias; etc;
- **Planejar a abordagem e solução:** Visualizar possíveis métodos para solução; selecionar estratégias e recursos que serão usados;
- **Executar o planejamento:** Executar o planejado, com o foco no modelo pedagógico da reflexão-na-ação;
- **Analisar criticamente a solução encontrada:** Fazer a crítica da solução encontrada; comparar com experiências anteriores; imaginar alternativas.

Para produzir diferentes tipos de textos devemos estar interligados em fatos históricos, pois ao observar o dia-a-dia em sala de aula, os alunos não escrevem no vazio sem conexão de algo real da vivência deles, eles precisam saber o que e o porquê da escrita para compreender o sentido de sua escrita. Levar a criança a pensar é desafiador para um educador, mas esta tarefa merece coragem para inovar a nossa metodologia pensando sempre a forma adequada e aos interesses de cada um. Para Teberosky (2002, p. 08) “[...] a criança dispõe de um saber sobre a escrita mesmo antes de entrar para a escola”. Diante disso, o professor deve mediar o conhecimento já existente de um mundo letrado e promissor.

Modificar o ambiente de aplicação de produção textual e não mudar seu método e sua prática, em nada vai alterar a nossa escrita, pois a aprendizagem não será significativa para nossos educandos, é essencial uma proposta de ensino interativa que explore inúmeros recursos virtuais. Zilberman (2003, p. 16) descreve que: “[...] a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento pela leitura [...] por isso o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança”.

Na verdade, não é trocar o caderno, o lápis, a borracha e o quadro convencional, mas acrescentar uma nova proposta de ler e escrever textos. Desta forma podemos ampliar as possibilidades de uma construção com senso-crítico e interações dos sujeitos envolvidos no processo ensino-aprendizagem, que entre no mundo das crianças e desperte esta fase de mostrar que as tecnologias digitais não servem somente para entretenimento, mas, também, como construção de conhecimento.

O professor tem um papel fundamental na vida de todo o indivíduo, sendo assim, as tecnologias se colocam como uma estratégia contemporânea que busca

utilizar o ciberespaço de forma dinâmica e criativa. Para Solé (1998, p. 22), as atividades devem ser compreendidas e ter um significado para abordar os diferentes saberes:

Na escola, as atividades voltadas para o ensino inicial da leitura devem garantir a interação significativa e funcional da criança com a língua escrita, como um meio de construir os conhecimentos necessários para poder abordar as diferentes etapas de sua aprendizagem. Para isso é fundamental trazer para a sala de aula, como ponto de partida, os conhecimentos que as crianças já possuem e a partir de suas ideias, ampliar suas significações. A leitura e a escrita são procedimentos e devem ser trabalhados como tal em sala de aula.

Os alunos nos oferecem múltiplas competências e habilidades que desejam aflorar em sala de aula, aprender e ensinar junto com seu professor numa interação e conexão simultâneas mediadas pelas tecnologias digitais. Entrar nesse mundo virtual tornará as produções textuais mais coletivas e colaborativas fomentando o interesse por questões e assuntos não muito atrativos no modo analógico. A melhor maneira de mobilizar nossos alunos é compartilhar seus conhecimentos.

Soares (2002, p. 92) aborda a leitura e a escrita como uma habilidade de informação que usamos diariamente, sendo assim definiu:

[...] exercício efetivo da tecnologia da escrita, [...] que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou formar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse.; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos ao escrever [...].

Sabemos que ler e escrever são habilidades que adquirimos ao longo do tempo, para sermos capazes de lidar com desafios, criar estratégias e de posicionamento diante das situações da sociedade. As tecnologias digitais estão fazendo um papel importante na sociedade contemporânea e aguçando uma interação e uma comunicação em massa.

3.3 Letramento Digital

Há diferenças conceituais entre alfabetização e letramento, sendo um ligado à escolarização, a capacidade de saber ler e escrever e outro relacionado ao uso da

leitura e escrita (SOARES, 2006). Assim, a forma como processar e utilizar no cotidiano a informação acessada é conceituada como letramento, que para Kleiman (2008, p. 19):

[...] não envolve necessariamente as atividades específicas de ler ou escrever. Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.

Como consequência à introdução das tecnologias digitais no cotidiano da sociedade, surgiu o termo letramento digital que, segundo Soares (2002), refere-se à prática da leitura e escrita através do acesso à internet. Para tanto, urge a necessidade de discutir e redimensionar a leitura e escrita na concepção do letramento digital, “[...] se os textos da contemporaneidade mudaram, as competências/capacidades de leitura e produção de textos exigidas para participar de práticas de letramento atuais não podem ser as mesmas” (ROJO, 2013, p. 08). Devemos compreender como atuar de acordo com essas mudanças, e no papel de educador, perceber a intensidade da utilização das tecnologias pelos educandos, e tornar favorável essa prática ao processo de ensino-aprendizagem.

Além da nova configuração das competências/capacidades para a leitura e escrita, renovaram-se os perfis e papéis dos leitores e autores, que se adaptaram a essas configurações. Chartier (1998) afirma que as tecnologias permitem ao leitor numerosos usos, manuseios e intervenções, não permitidos pelo suporte impresso. A escrita e a leitura se unem a formas de produzir, organizar, distribuir e veicular conhecimentos.

Assim, aliada com o fenômeno da globalização, surge a sociedade da informação, que se baseia nas tecnologias de informação e comunicação, envolvendo a aquisição, o processamento, distribuição e armazenamento da informação por meios tecnológicos, dentro de seus contextos sociais, econômicos e políticos (GOUVEIA, 2004). Para Borges (2000), a inserção na sociedade da informação se dará quando as pessoas desenvolverem as competências/capacidades necessárias para acessar e usar a informação. Corroborando com as ideias expostas anteriormente, que devemos nos adaptar as mudanças da contemporaneidade em relação ao letramento, lidar de forma adequada com o uso da informação.

Outro termo importante para ser abordado nesta seção é a multissemiose, compreendida como os diferentes modos de leitura, integrando as linguagens verbais e não verbais; oral e escrita e visual, sonoro, gestual, entre outras; respectivamente, ou seja, um conjunto de signos/linguagens (ROJO, 2009). A multissemiose é a forma de leitura/intepretação das diversas formas de divulgação da informação, como por exemplo, outdoors, panfletos, hipertextos, emoticons, “memes”, elementos sonoros, que se fazem presentes no nosso cotidiano e passam a informação de forma não convencional, mas sim, de forma que instiga novas práticas de letramento para compreensão.

Nesse contexto, para se efetivar na sociedade da informação, o indivíduo deve dispor de competências/capacidades de decodificação, além de recorrer a estratégias diferenciadas de leitura para contemplar os letramentos. Estas práticas são necessárias para interagir na vida contemporânea, além de desenvolver habilidades funcionais para usar equipamentos digitais, assim, tornar-se um indivíduo letrado digitalmente significa adotar novas ações para compreender o mundo ao seu redor.

Neste sentido, foram abordadas neste estudo, ações metodológicas de leitura e escrita com práticas pedagógicas que empregam os recursos tecnológicos digitais para o engrandecimento do processo de ensino e aprendizagem. O foco da pesquisa-intervenção desenvolvida não foi especificamente a leitura e a escrita, mas sim para metodologias alicerçadas nos recursos tecnológicos digitais que, por conseguinte, influem em tais aspectos.

4 METODOLOGIA

Este relatório crítico-reflexivo resultou de uma pesquisa de intervenção, cuja temática refere-se às práticas de leitura e escrita no contexto da cibercultura no 5º ano da EEEM “20 de Setembro”, no município de Arroio Grande/RS. Esta pesquisa, que foi aplicada entre novembro do ano de 2019 e janeiro de 2020, teve por finalidade analisar as contribuições da cibercultura para os processos de leitura e de escrita dos estudantes do 5º ano. Diante de tais reflexões, consideramos algumas problematizações que se referem à pesquisa-intervenção: Por que as crianças possuem dificuldade de ler e escrever diferentes tipos de textos? Os alunos se interessam em livros? Quais tipos de leitores recebemos na escola? A cibercultura pode estimular os alunos a se interessarem pela leitura e a escrita?

De acordo com Damiani *et al.* (2013, p. 58) as pesquisas do tipo intervenção pedagógica “[...] tem como finalidade contribuir para a solução de problemas práticos”. O pesquisador tem a intenção de planejar e intervir, com o propósito de produzir conhecimento e, logo após os efeitos produzidos. A pesquisa tem a finalidade de envolver vários aspectos pertinentes como:

[...] o planejamento e a implementação de interferências (mudanças e inovações) – destinadas a produzir avanços, melhorias, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam– e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências (DAMIANI *et al.*, 2013, p. 58).

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram a observação, diário de campo, fotografia e filmagem, para posteriormente realizar a avaliação da intervenção. O diagnóstico inicial foi realizado através de um grupo focal com os alunos para saber o interesse que eles possuem em relação à leitura e à produção textual e qual a frequência que eles usam as tecnologias digitais para se comunicarem.

Lüdke e André (1986) falam que a pesquisa qualitativa é um esforço de elaboração de conhecimento sobre aspecto da realidade na busca de solução para problemas expostos e desta maneira que a pesquisa qualitativa pode assumir várias formas. O que vai determinar a escolha da metodologia é a natureza do problema, necessitando de um planejamento, um engajamento e um estudo abrangente para a formulação do projeto de pesquisa.

A pesquisa-intervenção pôde trazer resultados positivos havendo mudança desejadas nos sujeitos colaboradores. Para comprovar este processo da pesquisa Damiani *et al.* (2013, p. 60) comentam que:

Assim, para que o relatório de uma pesquisa do tipo intervenção pedagógica faça jus ao trabalho realizado, entendemos que deve contemplar seus dois componentes metodológicos. Relembrando: o método da intervenção e o método da avaliação da intervenção. O componente interventivo, isto é, a intervenção propriamente dita, deve ter seu lugar assegurado no relatório, devendo ser apresentado com detalhes.

Assim, neste relatório de pesquisa, estão apresentados detalhadamente os encontros, a intervenção realizada com os educandos, a metodologia aplicada e a forma de tratamento e análise dos dados. Fazendo jus ao trabalho realizado, atentando para a pormenorização dos fatos acontecidos e sua interpretação crítica.

4.1 O contexto da pesquisa-intervenção

A EEEM 20 de setembro situa-se no município de Arroio Grande/RS, localiza-se na zona urbana, atendendo alunos do 1º ano do Ensino Fundamental ao Ensino Médio (Modalidade Educação de Jovens e Adultos), nos turnos manhã, tarde e noite.

Figura 1 - Frente da Escola "20 de setembro"



Fonte: Registros da pesquisa, 2019.

A Escola Estadual de Ensino Médio 20 de setembro, pertence à rede estadual de ensino e encontra-se sob a administração da 5ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), Pelotas. Foi autorizada a funcionar no mês de maio de 1909 como Decreto de Criação nº 1479/05/1909, Declaração Subsistente pelo decreto estadual nº 1826 – 08/03/1912 – Diário Oficial 09/03/1912 e reclassificação pelo Decreto Estadual nº 19818 de 13/08/1969. Portaria de Reorganização 46981 de 05/08/1981, Diário Oficial de 11/08/1981.

A escola, atualmente, atende Ensino Fundamental e Ensino Médio (Modalidade Educação de Jovens e Adultos), com o total de 650 alunos matriculados. Possui uma estrutura física bastante deficitária, carecendo, dentre outros, de mais salas de aula, quadra poliesportiva e um auditório para reuniões e atividades artísticas, culturais e reuniões de pais e professores.

Está inserida em uma comunidade bastante aberta que deposita muitas expectativas na ação escolar. Devido a nossa realidade, nos propusemos a executar um planejamento participativo, buscando através de uma ação integrada a participação efetiva entre escola, família e comunidade. Visando promover o comprometimento de todos os envolvidos de forma consciente e responsável, com o objetivo maior de garantir o sucesso do aluno, que é a razão do nosso trabalho.

A escola tem como filosofia, conforme seu Projeto Político-Pedagógico (PPP):

[...] uma educação voltada para uma linha reflexiva, humanista, emancipatório e dialógica, que parta da realidade, do conhecimento, do interesse e da experiência, para construir e conquistar o saber, bem como socializá-lo, buscando sempre a coletividade (ARROIO GRANDE, 2017, p. 07).

O objetivo geral da Escola:

Propomos uma educação baseada nos princípios democráticos, religiosos e humanos, direcionada à formação integral da pessoa humana oportunizando o aprimoramento de suas possibilidades de SER, do SABER e do SABER FAZER, comprometida com a vida e a cidadania, onde a educação é vista numa perspectiva contextualizada, onde o sujeito perceba-se e desenvolva-se como cidadão do mundo capaz de participar na construção de uma sociedade mais justa e solidária, valorizando os aspectos sócio – econômicos – políticos – históricos - culturais da comunidade na qual está inserido adequando o funcionamento da escola, nos aspectos administrativos e pedagógicos, desenvolvendo uma educação integrada, ética, estética, democrática e transformadora, com a participação responsável de todos, no processo educativo (ARROIO GRANDE, 2017, p. 07).

No que se referem aos recursos humanos, contamos no ano de 2019 com 47 professores, na sua maioria habilitado para as funções que exercem. No entanto temos carência de pessoal para atender os diversos serviços que são tão importantes para o bom funcionamento da instituição. Em relação aos funcionários contamos com oito funcionários.

A equipe diretiva é a instância colegiada, responsável pela direção e coordenação do trabalho político-administrativo e pedagógico da escola. Tem como funções articular, elaborar, propor, problematizar, mediar, operacionalizar e acompanhar o Projeto Político Administrativo Pedagógico da escola, a partir das deliberações e encaminhamentos do Conselho Escolar. Desta instância participam: Diretor(a), Vice-Diretor(a) eleitos pela comunidade escolar, o Coordenador(a) Pedagógico(a).

A Escola possui um laboratório de informática que é um espaço no qual a tecnologia é utilizada como instrumento de apoio às áreas do conhecimento e seus componentes curriculares, bem como a preparação dos alunos para uma sociedade informatizada não circunscrita ao equipamento como apenas uma ferramenta. O computador deve estar inserido em atividades essenciais. Nesse sentido, a Informática na escola passa a ser parte da resposta a questões ligadas à cidadania, buscando a compreensão do conhecimento como um todo integrado, a construção de uma cosmovisão que permita a percepção totalizante da realidade.

Ao estudar o PPP da escola, que foi pensado e elaborado coletivamente, contempla as tecnologias como uma proposta que o seu uso tenha: “[...] por objetivo que o aluno aprenda utilizando as tecnologias como ferramentas que o apoiem no processo de reflexão e de construção do conhecimento, como estratégia cognitiva de aprendizagem” (ARROIO GRANDE, 2017, p. 07).

Com base no PPP (ARROIO GRANDE, 2017), observamos que a escola pretende utilizar as tecnologias digitais como uma forma de construir aprendizagem, porém precisamos difundir esta questão tornando-a pertinente em todos os aspectos, principalmente em nosso planejamento diário. Desta forma será mais um aliado para ajudar a flexibilizar a organização dos conteúdos.

4.2 Sujeitos da pesquisa-intervenção

Os sujeitos participantes da pesquisa foram os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental no ano de 2019. A turma era composta de vinte alunos. Destes alunos, onze são do sexo feminino e nove do sexo masculino. A faixa etária do grupo é de dez a doze anos. Dentre os sujeitos pesquisados, a maioria reside no bairro onde está localizada a escola, mas também há alunos residentes em outros bairros da cidade.

A turma do 5º ano foi escolhida pela pesquisadora por demonstrarem interesse e acesso aos dispositivos digitais, em compartilhar informações e interatividade entre eles, por trabalhar como professora titular e também pela escola oferecer uma sala de informática equipada e internet livre, favorecendo a aplicação da pesquisa e possibilitar a cibercultura como mediadora do processo ensino-aprendizagem.

4.3 Descrição da intervenção

Tendo por base o objetivo principal proposto neste trabalho que foi analisar as contribuições da cibercultura para os processos de leitura e de escrita dos estudantes do 5º ano, assim como os objetivos específicos de propiciar o uso das tecnologias digitais para colaborar e compartilhar conhecimento e, estimular a linguagem e a escrita dos alunos através de atividades prazerosas e diversificadas, embasados na conclusão do diagnóstico aplicado, propusemos aos sujeitos a utilização das tecnologias digitais para realização de algumas atividades em sala de aula.

Ao começarmos a atividade para a construção do projeto de intervenção utilizamos a técnica do grupo focal, pois podemos interagir com os alunos através de uma roda de conversa informal com os alunos para colhermos alguns depoimentos pertinentes a leitura, a escrita e ao uso das tecnologias digitais como um mecanismo para usarmos na sala de aula de forma colaborativa favorecendo a produção textual.

A turma foi organizada em círculo, para criar um ambiente agradável e descontraído, a fim de que os educandos se sintam à vontade para trocar suas experiências e conhecimentos sobre as tecnologias digitais e a cibercultura no processo de leitura e a escrita de textos. A pesquisadora organizou um roteiro para a realização do grupo focal com alguns objetivos a serem alcançados durante a

realização da atividade para a técnica em questão seja produtiva aos interesses do projeto a ser aplicado.

A atividade necessitou ser filmada para que os dados levantados pela turma fossem captados da melhor forma através de suas falas e a educadora conseguisse interagir livremente com os sujeitos. Desta maneira o diálogo passa a ser o mais natural possível podendo ser anotados posteriormente no diário de bordo.

O direcionamento das questões pode surgir espontaneamente com o grupo, fluindo discussões paralelas entre os participantes. Isto torna a técnica apropriada para a faixa etária dos alunos, pois eles participam com seus depoimentos de maneira lúdica e prazerosa.

O grupo focal foi realizado em junho de 2019, anteriormente às ações da pesquisa-intervenção, teve a participação de vinte alunos, um mediador, que foi a pesquisadora e um observador da atividade um membro da escola, na ocasião convidou a coordenadora pedagógica para filmar a atividade, porém sem nenhuma intervenção durante a atividade, somente realizando a filmagem e localizando em um local apropriado na sala de aula. Os dados colhidos foram de plena importância de maneira que com as informações poderemos dar o andamento ao projeto.

Foi escolhido o grupo focal para diagnosticar a importância do projeto, pois é um método interativo, qualitativo, por meio de linguagem informal, com discussões coletivas, com abrangência do assunto de forma dinâmica que não ficasse desinteressante aos alunos. Fazer a intermediação da técnica é uma tarefa difícil, porque teremos a tarefa de prender a atenção dos participantes sem desvirtuar o sentido e o assunto. E para refletirmos sobre a importância de inovar os recursos didáticos para darmos uma aula prazerosa e que venha ao encontro dos interesses dos novos leitores digitais, precisamos oportunizar condições para o uso das tecnologias no ambiente escolar de forma pedagógica e educativa. Para Lévy (1999, p. 238):

[...] não basta estar na frente de uma tela, munido de todas as interfaces amigáveis que se possa pensar, para superar uma situação de inferioridade. É preciso antes de mais nada estar em condições de participar ativamente dos processos de inteligência coletiva que representam o principal interesse do ciberespaço.

Para aplicar o grupo focal não usamos os nomes dos alunos de forma que eles escolham nomes fictícios, mas ligados ao assunto cibercultura. Foi oferecida uma

folha ofício onde cada criança colocou o seu nome real e ao lado o fictício para melhor identificação da educadora na hora de transcrição das respostas. Os resultados foram transcritos através de um pequeno texto elaborado pela a pesquisadora explicando a resposta de cada educando com o objetivo de melhor entendimento para o leitor.

Assim o Grupo Focal impulsionou o início da intervenção, os alunos ficaram cientes da pesquisa, participaram de forma ativa na organização e se entrosaram com o tema (Figura 2).

Figura 2 - Grupo Focal



Fonte: Registros da pesquisa, 2019.

Desta forma, para efeito da nossa pesquisa-intervenção utilizamos o *WhatsApp*, que é um aplicativo criado para dispositivos móveis e disponível no mundo digital. Possibilita uma forma de comunicação dinâmica, interativa e, assim, podemos aproveitá-lo para mediar a educação, tendo em vista que o *WhatsApp* oferece uma leitura e escrita de texto multimodais (escrita, imagens, sons, vídeos). Para Moran (2000), outro aspecto pertinente deste aplicativo é o fato de apresentar uma linguagem mais familiar, espontânea e de constante de sons e imagens que atrai o interesse dos jovens.

No que diz respeito a escolha dos gêneros textuais trabalhados, optei pela escolha das propagandas, anúncios, charge, história em quadrinho, memes e letras de músicas. Para Rojo (2013, p. 17): “Os gêneros discursivos permeiam em nossa vida diária e organizam nossa comunicação”. Diante desta afirmação, todas as nossas interações como ouvir, falar, ler e escrever se dá consciente ou não através dos gêneros textuais.

Quando se fala na esfera digital, podemos explorar e discutir o contexto das produções que circulam na rede de forma crítica, assim, Barbosa e Rovai (2012, p. 36) comentam que devemos “[...] aproveitar de forma crítica o potencial interativo e pró-ativo dessas mídias”. Para as autoras, o ensino dos gêneros textuais está ligado à autonomia crítica e reflexiva do sujeito de forma dinâmica e interativa.

A intervenção pedagógica aconteceu em oito encontros, nos meses de novembro de 2019 e janeiro de 2010, devido à greve geral do magistério público estadual, três vezes por semana, sendo que o último aconteceu separado como conclusão do trabalho, com duas horas cada, na disciplina de Língua Portuguesa. Essas atividades foram realizadas como proposta metodológica para construção do conhecimento.

A partir desta síntese das intervenções, apresentamos cada encontro com os seus respectivos objetivos, desenvolvimento e atividades. Denominamos a proposta do trabalho como “Aprendizagem no Zap”.

Quadro 1 - Síntese das intervenções

(continua)

Mês/Horário	Encontros	Atividades	Data
Novembro 13h às 15h	1º	Apresentação da proposta da pesquisa-intervenção aos alunos. A princípio houve uma conversa informal para esclarecimento do assunto buscando o debate e troca de informações entre os participantes. Na ocasião mostramos um vídeo usando o recurso do Data Show para reproduzi-lo. Criarmos, neste encontro, o grupo do trabalho no aplicativo do <i>WhatsApp</i> . Instalar o aplicativo para desenhar e pintar <i>Paint Free-Drawing Fun</i> . <i>Os sujeitos participaram da brincadeira telefone sem fio.</i>	11/11/2019

Quadro 1 - Síntese das intervenções

(conclusão)

Mês/Horário	Encontros	Atividades	Data
Novembro 13h às 15h	2º	Os alunos organizados em 4 grupos com 5 componentes voluntários, pesquisaram sobre gênero textual propagandas e anúncios publicitários nos seus celulares, logo após cada grupo criará a um produto e fará a propaganda e o anuncio gravando um áudio para salientar a oralidade. Postar no grupo para comentarem sobre o trabalho.	12/11/2019
	3º	A pesquisadora postará no grupo uma charge para que os educandos comentem o significado do texto e o tema abordado na charge (política, educação, amizade, meio ambiente). Os comentários terão que ser feitos no grupo de estudo.	13/11/2019
	4º	Os alunos usaram os seus celulares para fotografar um colega do grupo, com a finalidade de acordo com sua expressão facial elaborar um Meme para postar no grupo. Os alunos comentaram no final da atividade o que acharam do trabalho.	18/11/2019
	5º	Cada grupo pesquisou uma história em quadrinho para redigir um texto coletivo.	02/01/2020
	6º	A pesquisadora enviou para o grupo da turma uma música para entoarem e logo após comentaram o que a letra da canção significou para eles. A atividade foi filmada para serem postadas.	03/01/2020
	7º	Cada grupo descreveu uma atividade que mais gostou para expor aos demais da turma, organizando um circuito de aprendizagem.	06/01/2020
	8º	Este encontro foi realizado em diferentes etapas, a primeira seria a edição dos vídeos, o preparo dos representantes dos grupos para a apresentação, a apresentação dos vídeos para os pais e o restante da comunidade escolar, encerramento da participação dos educandos na intervenção com entrega de medalhas e de um certificado e por fim uma confraternização.	08/01/2020

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

4.4 Descrevendo os encontros

4.4.1 Primeiro encontro (11/11/2019)

A intervenção teve início no dia 11 de novembro de 2019, quando, no turno da tarde, aconteceu o primeiro encontro com os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental da EEEM “20 de Setembro”. No primeiro momento, os 20 alunos direcionaram-se para a sala de áudio da escola, para que a professora explicasse e introduzisse o trabalho de pesquisa. Alguns alunos mostraram-se entusiasmados com a divulgação do trabalho a ser realizado e outros com a divulgação da senha da internet *Wi-Fi* da escola, que seria liberada para a turma, destacando a fala de dois alunos:

- *Que bom, “Sorinha”, só nossa turma tem a senha (Blogueirinha).*
- *A nossa turma é a única que usa o celular na sala, a outra turma não pode usar (Emoji).*

Ainda na sala de vídeo, foi distribuída uma mensagem de acolhimento e logo após foram feitas algumas indagações como “por que precisamos trabalhar em grupo?”; “qual a contribuição que temos quando há uma colaboração do colega?”. Os educandos participaram ativamente da atividade e alguns se posicionaram com relação às questões:

- *Ficamos mais amigos e companheiros (Smurf).*
- *Um pode colar do outro (Jmvlf).*
- *Um pode ajudar o outro, pois o que eu aprendi o meu colega pode não saber, daí eu ajudo (Instagram).*
- *É bom se ajudar e participar dos grupos, podemos criar, pesquisar e debater juntos o mesmo assunto (Caroline).*
- *Lemos mais quando estamos em grupo ainda mais usando o meu amiguinho celular que amo, amo, amo muito (Blogueirinha).*

Em seguida as crianças assistiram a um vídeo (Figura 3) que aborda a evolução da escrita até a chegada da Era Digital, denominado: “Evolução das tecnologias na educação” (PROJETO DIAS, 2016). O vídeo mostra em desenho animado a evolução da tecnologia na escola. A educadora-pesquisadora quis mostrar que tudo passa por uma transformação e esta transformação se torna necessária para que ocorra crescimento, conhecimento e inovação proporcionando novas aprendizagens. É um ciclo de evolução que a humanidade passa para dar um passo ao futuro, assim passou a escrita e conseqüentemente a linguagem, somos menos analógicos e mais digitais,

ou seja, vivemos em um mundo repleto de tecnologias onde as crianças estão conectadas no seu cotidiano.

Figura 3 - Registros da atividade na sala de vídeo: a) educadora-pesquisadora explanando sobre a atividade; b/c) educandos assistindo ao vídeo



Fonte: Registros da pesquisa, 2019.

Ao término do vídeo, os educandos interagiram intensamente, estavam bastante intrigados e pensativos sobre o conteúdo apresentado. Assim, surgiram alguns comentários e questionamentos:

- No seu tempo deveria ser chato, né, sora? Não tinha como conversar nem jogar (Naruto).
- Hoje nós aprendemos mais, porque tudo o que procuramos saber é só procurar no Google (Darwin).
- Que engraçada aquela parte da escrita na pedra com um prego e um martelo e depois muda para o papel, inventam o jornal e também o professor (Gumball).
- A nossa "Sorinha" vai mudando suas aulas com coisas diferentes para ensinar, só quadro é chato (Netflix).
- A nossa inteligência é maior e melhor do que a da minha vó, ela não tinha nada para fazer naquela época (Free Fire).

Após a conversa, os educandos foram conduzidos ao pátio da escola para realizarem uma dinâmica de interação e colaboração. A brincadeira denominada "telefone sem fio", teve por objetivo desenvolver a atenção e a percepção, para que todas as mensagens transmitidas pudessem ser interpretadas de maneiras diferente de pessoa para pessoa.

O jogo é simples: uma pessoa fala uma palavra ou frase - o "segredo", sussurrando no ouvido da pessoa ao seu lado, e os demais participantes não devem escutar. O "segredo" deve ser repassado para cada participante, individualmente, até chegar ao último participante, que deverá repeti-lo em voz alta para todo o grupo. Além disso, outra regra é não poder repetir o "segredo" para o participante seguinte, ou seja,

um recebe a mensagem e repassa de forma diferente, é comum que seja distorcido ou mal entendido, e seja repassado cada vez mais deturpado, chegando totalmente diferente ao ouvinte final, e isso é o que deixa a brincadeira muito divertida (Figura 4).

Figura 4 - Registros da atividade “Telefone sem fio”, imagens retiradas do vídeo que documentou a dinâmica: a) educadora-pesquisadora transmitindo o primeiro segredo; b/c) educandos repassando-o



Fonte: Registros da pesquisa, 2019.

O primeiro segredo, transmitido pela educadora-pesquisadora, foi “vamos estudar através do celular?”, que foi repassado sequencialmente pelos participantes, sendo interpretado e transmitido diferentemente por cada um. Ao término, os educandos estavam eufóricos e satisfeitos com a dinâmica, todos queriam comentar sobre a distorção de informações na brincadeira e associaram ao contexto da pesquisa, compreendendo que as informações e conhecimentos são rapidamente dispersados pelos recursos tecnológicos, surgindo os seguintes comentários:

- Professora as coisas não são como imaginamos (Instagram).
- Nem sempre o que lemos ou falamos é verdade (Blogueirinha).
- Precisamos comprovar se aquilo que está ali foi inventado (Donzela da Batalha).
- Não existe uma verdade, né? (Corujinha).
- Cada pessoa entende o que quer (Emoji).

A mensagem inicial foi sendo distorcida conforme os alunos iam transmitindo uns aos outros, a regra era passar ao colega conforme tivessem entendido, portanto todos modificaram até chegar na última aluna que entendeu da seguinte maneira: “Vamos escutar a peça”.

Ao final desta atividade, retornamos para sala de aula, onde consegui instruir os educandos a organizarem grupos de trabalho. A turma foi dividida em quatro grupos de cinco componentes cada. Os participantes dos grupos foram voluntariamente formados por afinidades. Além disso, foi sugerido que cada educando escolhesse um codinome, podendo fazer associação ao tema da pesquisa. Assim se deu a organização dos grupos e a escolha dos codinomes dos componentes:

Quadro 2 - Listagem dos grupos e seus integrantes

Grupo	Codinomes dos integrantes
Grupo 1	<i>Darwin, Naturo, Play Store, Free Fire e Smurf</i>
Grupo 2	<i>Gumball, Blog, Gamer, YouTuber Jazzehost e Jmvlf</i>
Grupo 3	<i>Netflix, Instagram, Toda Meiga, Snap Chat e Blogueirinha</i>
Grupo 4	<i>Caroline, Donzela de Batalha, Like, Corujinha e Emoji.</i>

Fonte: Autora, 2019.

Após esta organização, criamos um grupo de *WhatsApp* para postar, compartilhar e comentar os trabalhos realizados em aula, o nome do grupo foi “Aprendizagem no Zap”. Todos os alunos, durante as atividades, portavam o celular com acesso ao *WhatsApp* e os responsáveis autorizaram a exposição de imagens de seus filhos no início do ano letivo. Ao término deste encontro, os alunos estavam eufóricos com a participação na pesquisa e entusiasmados para o próximo momento.

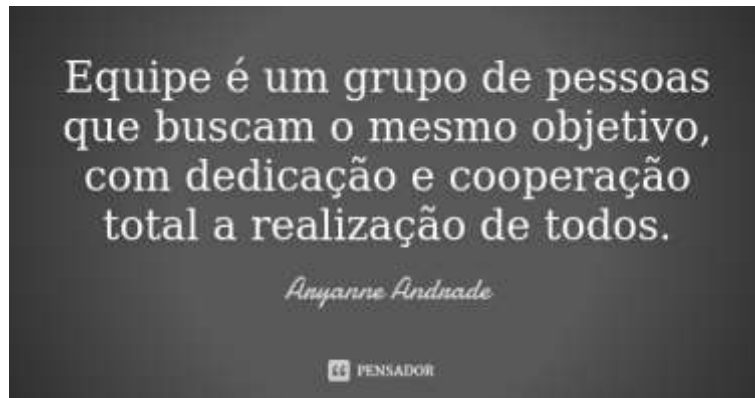
4.4.2 Segundo encontro (12/11/ 2019)

Iniciamos este encontro na sala de aula, foi explicado à turma que iríamos realizar a atividade no laboratório de informática. Os educandos estavam ansiosos, pois já haviam recebido a senha para usarem o *Wi-Fi* do laboratório. Arranjados em fila, foram conduzidos pela educadora-pesquisadora, adentraram a sala e se posicionaram nas mesas que já estavam preparadas para recebê-los. Agruparam-se de acordo com a organização realizada no encontro anterior e, ao estarem acomodados, ouviram a explicação da educadora-pesquisadora.

Para introdução deste encontro foi utilizado um pensamento (Figura 5) de Aryanne Andrade (2020), retirado do Site “Pensador”. A mensagem foi enviada no

grupo do *WhatsApp* para todos os alunos terem acesso. Inicialmente foi feita a leitura pela professora que proporcionou um melhor entendimento para que os alunos interagissem de forma unida e cooperativa nas atividades.

Figura 5 - Pensamento apresentado para a introdução da atividade do segundo encontro da pesquisa



Fonte: Andrade (2020).

Para dar início à atividade, foi perguntado aos educandos se eles sabiam o que seria uma propaganda e um anúncio. A maioria das crianças respondeu que sim, que servia para vender ou “mostrar” algo nos meios de comunicação. Assim, foi pedido para que eles pesquisassem no *Google*: o que é uma propaganda e anúncio e para que servem. A educadora-pesquisadora direcionou a pesquisa dos educandos, pois nem todos os sites que entramos são seguros para pesquisa, então foi feita uma investigação prévia e foram sugeridos os *sites* Dicionário Informal¹, Estudo *Kids*² e Toda Matéria³.

Após o entendimento dos gêneros textuais, um representante de cada grupo expressou oralmente o que compilaram com a pesquisa:

- Propaganda é fazer um texto falando bem do produto e anúncio é ter um meio de comunicação para mostrar este produto, a propaganda e o anúncio trabalham juntos (Smurf).
 - A propaganda é um texto onde falamos de um produto e o anúncio é o lugar que colocamos o texto ou vídeo oferecendo este produto (Gumball).

¹ BORGES, Gessica. Qual a diferença entre publicidade e propaganda. **Diferença**, [S.l.], 2020. Disponível em: <https://www.diferenca.com/publicidade-e-propaganda>. Acesso em: 22 out. 2020.

² CÁSSIA, Anna de. Gêneros textuais. **Terra Educação**, [S.l.], 2014. Disponível em: <https://www.estudokids.com.br/anuncio-publicitario>. Acesso em: 22 out. 2020.

³ TODA MATÉRIA. Características do anúncio publicitário. [S.l.], 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/caracteristicas-do-anuncio-publicitario>. Acesso em: 22 out. 2020.

- Se eu quiser oferecer algo para alguém, preciso falar sobre aquele produto, pode ser positivo, para vender, ou negativo, se eu não quero que as pessoas adquiram aquilo e para que tudo ocorra tem que anunciar em algum lugar (Instagram).
- Para anunciar um produto temos que promover uma notícia com a finalidade de exaltar um produto para vendê-lo (Caroline).

Dando continuidade, as crianças foram instruídas a utilizar o aplicativo *Paint Free-Drawing Fun* para criarem logotipos de produtos por eles inventados. Este aplicativo possibilita desenhar e colorir de maneira lúdica e criativa. Esta tarefa foi muito significativa, no decorrer da atividade o aluno *Smurf* e seu grupo foram muito solidários com o grupo 4, que estava com um pouco de dificuldade para desenvolver seu produto. *Smurf* dirigiu-se até o grupo e começou a explorar o produto desenhado pelos colegas, fazendo as seguintes perguntas:

- Por que escolheram este produto? Para que serve? Para qual público que queres oferecer este produto? (*Smurf*).

O aluno *Smurf* mostrava-se familiarizado com o assunto, pois é um tema pertinente em seu cotidiano, seu pai é jornalista, e este tipo de gênero textual faz parte da vivência do educando.

As crianças tiveram momentos de debates, criação, colaboração e dedicação nesta atividade, era nítida a felicidade em seus semblantes, por isso suas produções merecem destaque e um olhar especial da educadora-pesquisadora com ótimas abordagens e textos pertinentes a suas idades. Os trabalhos foram postados no grupo de *WhatsApp*, o que possibilitou a prática da escrita e a leitura, além da participação ativa com comentários sobre os trabalhos dos colegas.

Para realizar a atividade proposta, o Grupo 1 apresentou dificuldade de concentração, pois dois componentes desvirtuaram a atenção dos demais participantes, queriam se conectar em suas redes sociais para assuntos que não envolviam a atividade escolar. Diante disso, a educadora-pesquisadora retomou os objetivos da proposta, assim, permaneceu junto a este grupo por alguns minutos para focar atenção ao trabalho. Após a conversa com a educadora-pesquisadora, todos os integrantes interagiram e conseguiram entrar em comum acordo na escolha do produto que iriam produzir, realizando o texto coletivamente e sem dificuldade em compor (Figura 6).

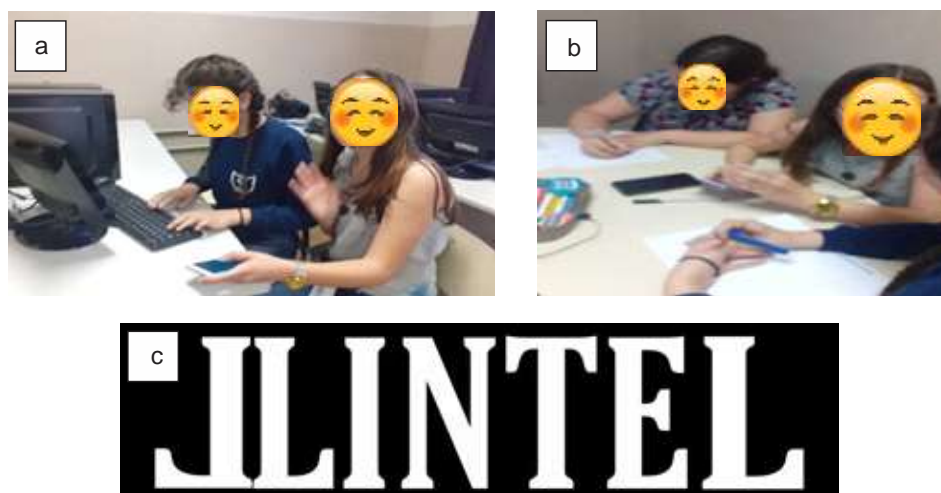
Figura 6 - Registros da atividade realizada pelo Grupo 1: a) componentes do grupo realizando a atividade; b) logotipo do produto; c) texto publicitário postado no grupo do WhatsApp



Fonte: Registros da pesquisa, 2019.

O Grupo 2 mostrou-se entusiasmado com a proposta, no primeiro momento entraram em acordo com a escolha do produto, pediram para usarem o computador do laboratório de informática a fim de pesquisar. Logo, retornaram aos seus lugares, direcionaram-se e decidiram criar uma camiseta e um logotipo com as iniciais de todos os participantes (Figura 7). Levaram alguns minutos tentando montar algo que tivesse algum significado para quem fosse pronunciar, usaram várias opções de nomes, agruparam e desagruparam as letras, debateram bastante com serenidade e dedicação ao trabalho, pareciam que estavam em uma sala de reunião, foi perceptível o seu crescimento. Usaram para digitar seu texto um aplicativo já instalado em seus celulares e, deram sugestão para que os demais grupos baixassem em seus aparelhos, justificando que seria fácil de digitar. A educadora-pesquisadora deixou-os à vontade na escolha, pois também trabalhava com *Wordpad*. No final, elaboraram o texto que se encontra em anexo (APÊNDICE F) não apresentando nenhuma dificuldade no que tange a produção textual, mostrando-se engajados ao tema proposto.

Figura 7 - Registros da atividade realizada pelo Grupo 2: a) componentes do grupo utilizando o computador da escola para pesquisar e ter ideias para seu produto; b) componentes do grupo realizando a atividade; c) logotipo do produto

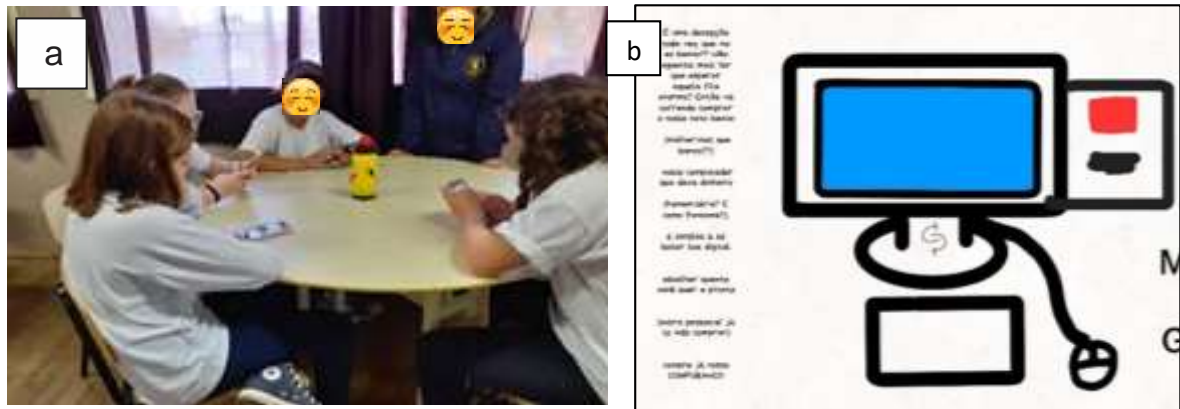


Fonte: Registros da pesquisa, 2019.

O grupo 3, enquanto realizava a tarefa, apresentou divergência na escolha do produto a ser criado, devido a uma competitividade entre os participantes, cada um tinha uma proposta diferente, com dificuldade de aceitar a proposta do colega, então resolveram cada um fazer um desenho do produto que queriam e depois fizeram a escolha. A educadora-pesquisadora conversou com eles explicando como é trabalhar em equipe e que deveriam unir as ideias para entrar em um consenso e assim o fizeram.

Após a escolha do desenho, todos incrementaram o produto (Figura 8), fosse inventando uma peça ou dando cor e produziram o texto coletivamente sem mais divergências, finalmente desenvolveram um belo texto para o produto escolhido.

Figura 8 - Registros da atividade realizada pelo Grupo 3: a) componentes do grupo realizando a atividade; b) logotipo do produto



Fonte: Registros da pesquisa, 2019.

O Grupo 4 foi o que mais apresentou dificuldades em desenvolver o texto e o desenho do produto, embora estivessem gostando muito da atividade, não estavam conseguindo desenhar o que desejavam no celular, necessitando de uma folha ofício, lápis, borracha e canetinhas para fazer o desenho. A educadora-pesquisadora auxiliou com mais intensidade este grupo, indicando caminhos para fazer as tarefas. Um integrante do Grupo 1, o *Smurf*, também os ajudou a desenvolver seu produto, isso mostrou a importância da cooperação e da interação da equipe para a realização de trabalhos.

Eles elaboraram um pequeno texto em folhas de ofício, com desenhos feitos com lápis e canetinhas (Figura 9). Mesmo com dificuldade, em nenhum momento pensaram em desistir da atividade. Quando a diretora da escola adentrou a sala e perguntou se estavam gostando da aula, este grupo respondeu que “foi a melhor aula do mundo”.

Figura 9 - Registros da atividade realizada pelo Grupo 4: a) componentes do grupo realizando a atividade; b/c) trabalho desenvolvido pelo grupo



Fonte: Registros da pesquisa, 2019.

Em minha opinião como educadora-pesquisadora esse encontro foi muito satisfatório, como pode ser observado na Figura 10. Foi desenvolvido o trabalho em equipe, mostrando a importância da cooperação para o processo de ensino e aprendizagem. Este encontro teve um tempo determinado para o desenvolvimento das atividades, sendo um período de duas horas, que foram suficientes para todo o processo. Porém, a turma, por estar empolgada com a atividade, queria mais tempo e mais atividades.

Figura 10 - Registro do segundo encontro



Fonte: Registros da pesquisa, 2019.

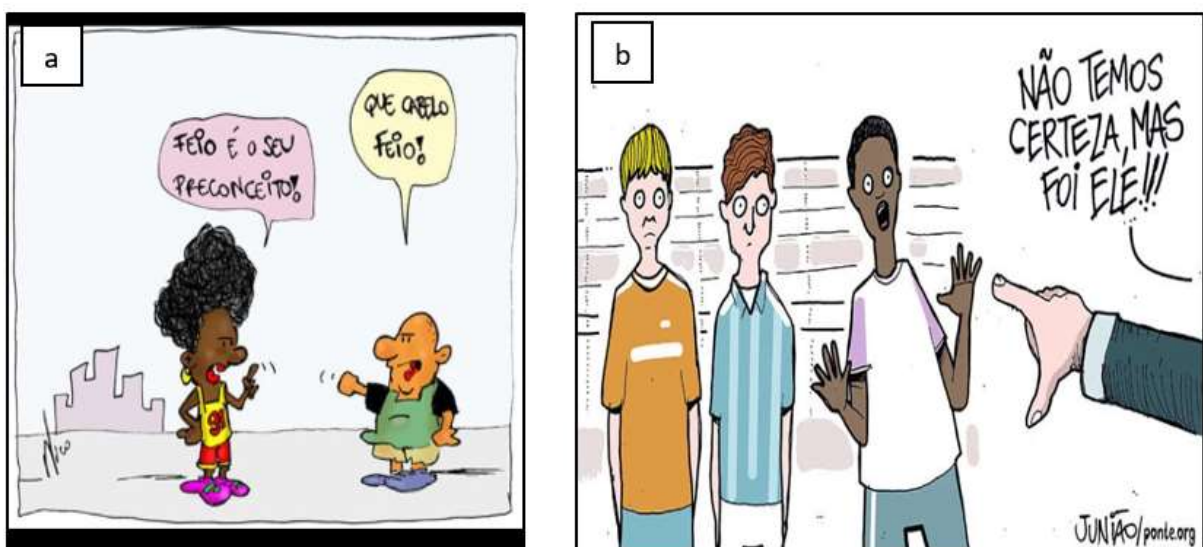
4.4.3 Terceiro encontro (13/11/2019)

Nesse dia o encontro foi realizado na sala de aula, sendo possível, pois o sinal do *Wi-Fi* chegava até a sala e, para uma melhor acomodação da turma. Da mesma forma que o segundo encontro, cada aluno procurou o seu grupo de estudo para começar o trabalho.

A educadora-pesquisadora enviou para o grupo do *WhatsApp* “Aprendizagem no Zap” duas charges, para que todos tivessem a imagem nos seus dispositivos. Foi explicado o que é este gênero textual, para que serve e qual o objetivo do trabalho a ser desenvolvido que seria interpretar uma das charges enviadas para o grupo Aprendizagem no Zap, redigir um pequeno texto e postar no grupo. Todos ouviram atentamente a explicação.

As charges enviadas ao grupo do *WhatsApp* (Figura 11) abordavam o preconceito racial. Após a leitura e questionamentos, os alunos, reunidos em seus grupos, debateram e argumentaram, o que proporcionou um entendimento sobre o assunto em questão. Essa atividade também possibilitou uma troca de experiência, que muitos expuseram sem medo e sem vergonha de falar ao grande grupo.

Figura 11 - Charges enviadas ao grupo de WhatsApp Aprendizagem no Zap



Fonte: Imagens retiradas dos sites www.blogdonico.zip.net e www.juniao.com.br, respectivamente.

Após o debate, a turma chegou à conclusão que o racismo está impregnado no comportamento, nas ações e nas falas agressivas de uma sociedade arcaica que fere

as pessoas, que não enxerga o outro como um ser humano com suas igualdades e diferenças e livres de preconceito algum. Em relação à realização da atividade, no Grupo 1, inicialmente a aluna Play Store pediu para expor o seu comentário sobre racismo:

- *Eu sofri preconceito porque o meu cabelo é cacheado, falavam que era um "Bombрил", mas isto não me atinge em nada sou feliz do jeito que sou (Play Store).*

A princípio fiquei apreensiva, pois as crianças são imprevisíveis em sua fala, porém deixei ela confortável para explanar o seu comentário. Os seus colegas acharam um absurdo isso e desta maneira trocaram informações. O grupo construiu uma história de acordo com a charge 1, sendo pertinente o comentário da menina para a construção do texto.

O grupo 2 apresentou uma pequena divergência na escolha da charge e apesar dos pedidos de dois participantes que queriam elaborar o texto a partir da charge 1, entraram em um acordo de fazer uma única história misturando as charges 1 e 2. Foi espontânea a decisão do grupo, tiveram momentos que a educadora-pesquisadora achou que eles não iriam entrar em consenso devido à resistência de alguns participantes, mas pelo motivo das duas charges tratarem do mesmo tema, o preconceito, tudo ficou resolvido.

Percebeu-se um grande engajamento deste grupo para que o trabalho desse certo, resolvendo entre eles e buscando uma solução viável ao problema. Montaram um texto com coerência e descreveram com coerência o tema em questão.

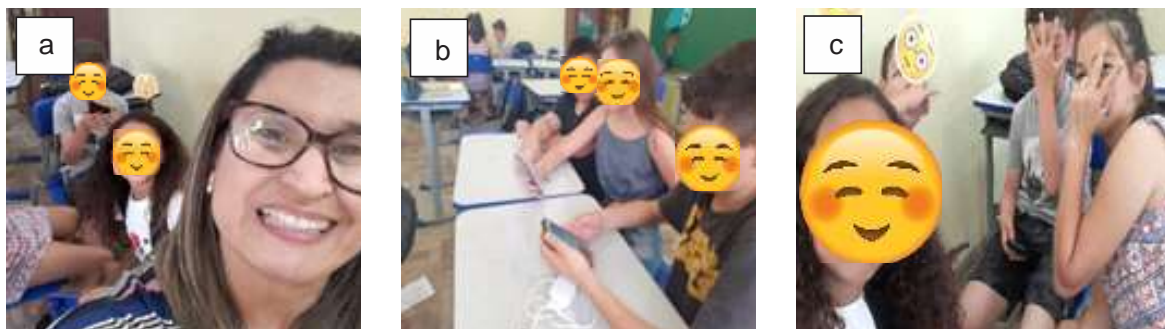
O grupo 3 escolheu, por unanimidade, a charge 2, pois falaram que seria o preconceito promovido por um adulto e ainda pior, cometido por um diretor de escola. Ao começar os trabalhos percebi uma vontade grande de um integrante do grupo em comentar que gostaria que no final da história tivesse um pedido de perdão e que a verdade viesse à tona.

Cada aluno dava a sua opinião na montagem do texto e um aluno digitava diretamente no grupo de *WhatsApp*. Logo após enviar perceberam alguns erros de português e pediram para refazer o texto em casa. A educadora-pesquisadora autorizou, desde que não alterassem o contexto da história que já se encontrava no aplicativo e assim o fizeram, foi muito válida esta percepção, pois serviu para que a aprendizagem e o trabalho fossem além da expectativa.

Quanto ao Grupo 4, no princípio da atividade tiveram dificuldades de concentração, conversavam entre si sobre assuntos extraescolares. O aluno *Like* levou brinquedos para a sala e desvirtuava a atenção dos demais componentes. A educadora-pesquisadora conversou muito com o grupo explicando que no recreio ele poderia brincar e que necessitava da colaboração dele para que os colegas pudessem fazer a tarefa. Passados cinco minutos, conseguiram se organizar escolhendo a charge 2. Os colegas não entraram em atrito na escolha da charge, após a escolha escreveram um pequeno texto elaborado, coeso e coerente com o tema.

Todos os encontros realizados foram satisfatórios, cada um dentro de sua proposta. Este terceiro encontro (Figura 12) me emocionou pela desenvoltura dos educandos quanto a temática racismo, todos tiveram comentários e depoimentos tocantes.

Figura 12 - Registros do terceiro encontro: a) educadora-pesquisadora com alguns educandos; b) grupos visualizando as charges no grupo do WhatsApp Aprendizagem no Zap; c) educandos discutindo e organizando a produção textual



Fonte: Registros da pesquisa, 2019.

A seguir, estão descritos os comentários dos componentes dos grupos de trabalho escritos no grupo do *WhatsApp*, sendo cada aluno representado por seu codinome:

Grupo 1:

- *Eu sofri preconceito porque o meu cabelo é cacheado, falavam que era um Bombril, mas isto não me atinge em nada sou feliz do jeito que sou (Play Store).*
- *Estou pensando na segunda charge que fala de um preconceito que um diretor teve com um aluno negro e pobre sem saber se era ele ou não que tinha roubado alguma coisa ou feito coisa errada. No meio dos meninos brancos ele escolheu o negro. Diretor mau! (Free Fire).*
- *Racismo não! A única raça que existe é humana. Crie consciência negra todos os dias. Vença o preconceito e espalhe o amor (Smurf).*

- Ser preto ou branco pouco importa, isto que fizeram na charge foi puro preconceito. Dar importância ao tipo de cabelo da pessoa e só porque é negro ele será ladrão, é ridículo, os adultos devem dar o exemplo não foi o que o diretor fez, ele é mais preconceito que os alunos daquela escola (Naruto).
 - Os desenhos da charge são bem engraçados mesmo. A segunda charge foi a que achei um crime do diretor, não pode acusar sem provas (Darwin).

Grupo 2:

- Pensei no dia que disseram que eu tinha um narigão de fumar cachimbo na chuva, isso é preconceito, não é? Ou Bullying? Pra mim foi a mesma coisa (Blog).
 - O cabelo da menina era crespo o outro menino achou feio, só que a menina deu o troco. As pessoas poderiam ser mais amigas umas das outras, então iriam se respeitar” (YouTuber Jazzehost).

Grupo 3:

- A diferença de uma charge para outra foi que a primeira eram duas crianças falando e se ofendendo e a outra foi um adulto acusando um adolescente negro (Netflix).
 - Na vida isto acontece, Sora! O ano passado todos mexiam com uma menina gigante, negra e que não aprendia, só que ela estudava na escola Silvina Gonçalves, ela teve que se mudar de escola, pois chorava todos os dias. Veio estudar aqui, agora estuda no 6º ano (Instagram).
 - Meu Deus! Existe preconceito também de pobre, pois não tem dinheiro para comprar as coisas (Toda Meiga).
 - Isto mesmo, se o negro fosse rico eles não iam achar que tinha roubado (Snap Chat).
 - Mas não se sabe se foi roubo, pode ter estragado alguma coisa da escola e acusaram aquele menino porque era escurinho (Blogueirinha).

Grupo 4:

- O cabelo daquela menina não é feio, é afro, está lindo! (Corujinha).
 - Lamentável, né, gente? Ter que ver este tipo de preconceito ainda nos dias de hoje, pessoas são pessoas não importa a cor (Caroline).
 - Será que o menino conseguiu provar a sua inocência? Na maioria das vezes não conseguem provar, pois não tem condições de pagar um advogado e vão presos (Donzela de Batalha).
 - O primeiro caso eu já vi, minha tia riu de uma mulher negra com os cabelos grandes, eu não gostei achei ela preconceituosa (Emoji).
 - Ninguém pode apontar o dedo na cara do outro, é falta de respeito e educação. Foi no lugar que devemos aprender coisas boas, o diretor acusa o menino sem provas, só pela a sua aparência ensinando o ódio e o preconceito (Like).

4.4.4 Quarto encontro (18/11/2019)

A pesquisadora começou o encontro agradecendo a participação de todos os sujeitos envolvidos e pediu para que cada aluno se dirigisse aos seus respectivos grupos para o início da atividade proposta. No primeiro momento foram feitos alguns questionamentos: “alguém sabe o que é ‘meme’?”; “para que serve?”; “quem já fez um ‘meme’ e postou em um grupo?”.

Todos responderam que sim, que conhecem e já fizeram com fotos ou alguma imagem da internet. Ainda descreveram que seria uma atividade para escreverem algo engraçado nas suas fotos. Também surgiram alguns comentários pessoais, como:

- *Posso dizer que já fiz com várias fotos dos meus amigos só para zoar deles, mas não brigamos por causa disso eles também fazem de mim (Naruto).*
- *Os memes servem para que as pessoas façam humor, desperta a nossa curiosidade e a imaginação de quem escreve e de quem lê (Instagram).*
- *Eu conheço e faço sempre, tenho um aplicativo no meu celular (Donzela de Batalha).*

A partir disso, foi solicitado que os alunos instalassem o aplicativo “Criador de memes” em seus celulares. A maioria já fazia uso deste aplicativo, o que facilitou o desenvolvimento da atividade, pois já estavam familiarizados com a ferramenta.

Para começar a atividade, a educadora-pesquisadora apresentou através de imagens e oralmente o conceito do gênero textual memes, explicando ser um novo gênero textual muito difundido na internet, que usa imagens, vídeos e gifs relacionado a humor, em forma de frases ou pequenos textos que podem ser publicitários ou para mencionar alguma informação relacionada a fato ou acontecimento.

Agora inteirados do assunto, foi apresentada proposta a atividade que era produzir memes a partir de fotos dos próprios alunos ou dos colegas. Os educandos tiraram fotos de seus colegas ou retiraram das redes sociais para a construção do meme. Cabe destacar que esta atividade teve autorização dos responsáveis para o uso da imagem. Cada um fez a expressão que preferiu, em seguida elaboraram a frase ou texto para postarem no grupo do *WhatsApp*.

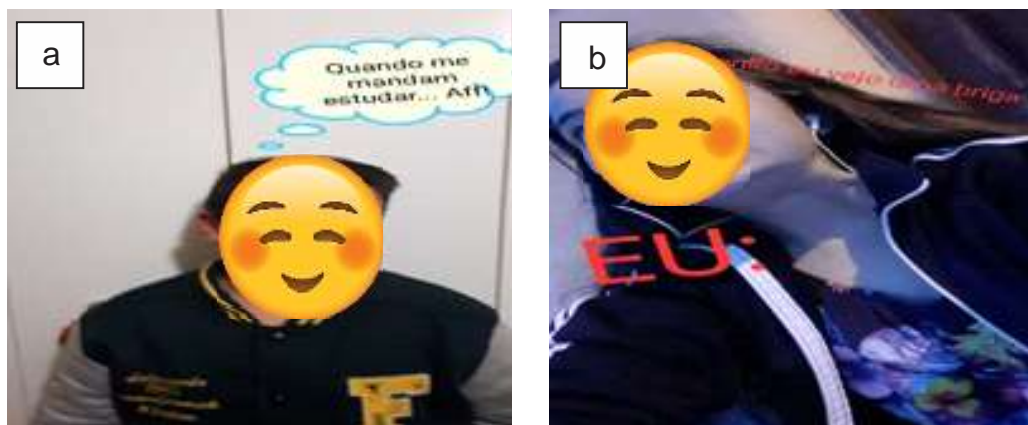
Durante a execução da atividade houve muitos risos, muita interação e envolvimento. Alguns alunos pediram para usarem fotos já existentes nos seus celulares, pediram também para fazerem memes das professoras. A pesquisadora explicou que para usar a imagem de alguém deve haver a autorização da pessoa e seria crime se não fizesse isso. Algumas alunas pediram para falar com certas professoras do turno da tarde, a fim de explicar o trabalho do 5º ano e, na ocasião, pediram a autorização para criarem memes de suas fotos com intuito de homenageá-las. A educadora decidiu autorizar as alunas e acompanhou o grupo até suas respectivas salas.

As professoras ficaram encantadas com a desenvoltura e o engajamento dos educandos explicando o trabalho, o grupo de educadores com unanimidade autorizou a criação de memes com suas fotos. Diante deste fato inusitado, esta tarefa superou suas expectativas, percebeu entusiasmo, motivação, interação e alegria por parte dos sujeitos, sem falar na criatividade que elaboraram seus memes.

Em relação ao trabalho de cada grupo, o Grupo 1 realizou a atividade escolhendo seus colegas para tirar a foto, pedindo que cada um fizesse uma expressão que tivessem vontade. Durante o desenvolvimento do trabalho tiveram algumas discussões, passivas, para a escolha do parceiro.

O aluno Darwin teve a ideia de todos postarem no grupo suas fotos e cada um escolher a que mais se identificou para fazer o meme. O aluno Play Store pediu para que a pesquisadora também mandasse a sua foto para elaborarem seu meme. Achando interessante esta interação entre professora e alunos, assim foi feito. A figura 13 representa alguns dos memes produzidos pelo grupo, um sendo o produzido pelo aluno *Free Fire*, que disse: “*Este meme que fiz foi pensando em quem não gosta muito de estudar e com a cara que ele fez (risos) dá bem para perceber!*”.

Figura 13 - Memes produzidos pelo Grupo 1: a) meme produzido pelo aluno Free Fire; b) outro meme produzido pelo grupo

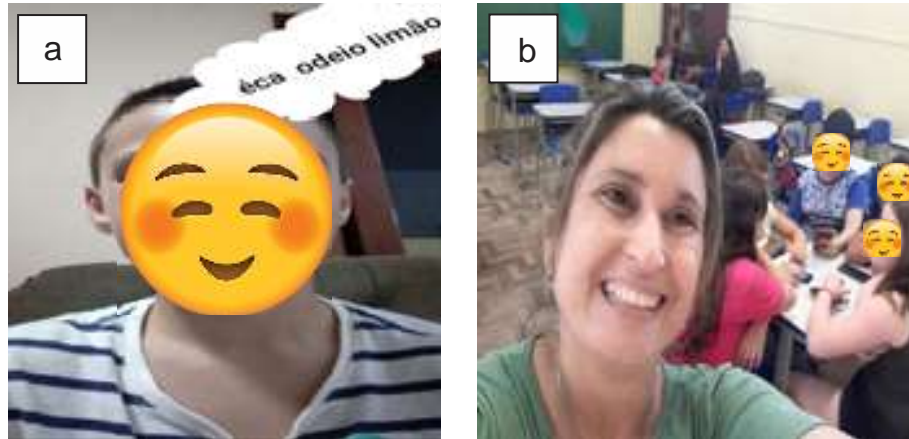


Fonte: Registros da pesquisa, 2019.

O grupo 2 se organizou fazendo um sorteio, para isso escreveram seus nomes em pedaços de papel, dobraram, misturaram, e cada um selecionou um colega para fazer seu meme. Ficou evidente a harmonia entre este grupo, todos aceitaram os colegas sorteados e seguiram a atividade (Figura 14).

Alguns integrantes deste grupo demonstraram grandes dificuldades ortográficas, trocando algumas letras durante a escrita, portanto a pesquisadora os orientou e auxiliou. Com isto, a professora aproveitou para trabalhar e desenvolver estas dificuldades nas aulas posteriores.

Figura 14 - Desenvolvimento da atividade pelo Grupo 2: a) meme produzido pelo grupo; b) pesquisadora auxiliando o grupo



Fonte: Registros da pesquisa, 2019.

O Grupo 3 decidiu fazer a escolha espontânea dos participantes para a criação dos memes. Ao perceber que todos haviam se escolhido, pediram para fazer mais de um texto para as imagens. Os componentes deste grupo enviaram fotos antigas já existentes nos seus celulares. A pesquisadora não quis intervir na decisão do grupo, pois o mais importante é o interesse apresentado e a empolgação para fazer todas as atividades e ir além do esperado. Quanto mais eles inventavam, mais a pesquisadora pode comprovar o quão foram significativas as aulas. A Figura 15 apresenta dois memes produzidos pelo grupo, o interesse pela atividade ficou destacado pelos comentários que surgiram:

- Amei muito esta atividade, porque usamos imagens reais de pessoas que conhecemos (Netflix).
 - Os textos que eu fiz foram de acordo com as fotos e ficaram divertidos com as caretas deles (Instagram).

Figura 15 - Desenvolvimento da atividade pelo Grupo 3: a) meme produzido com foto da pesquisadora; b) meme produzido com foto de uma participante do grupo



Fonte: Registros da pesquisa, 2019.

O Grupo 4 foi o que mais demorou para decidir a forma de desenvolver os memes. Os integrantes tiveram alguns minutos de conversa, pediram ajuda do grupo 3, perguntando como iriam fazer o trabalho. Ao debater, decidiram que cada um poderia tirar foto de quem achasse melhor, até de colegas de outros grupos (Figura 16).

Figura 16 - Meme produzido pelo grupo 4



Fonte: Registros da pesquisa, 2019.

Como a turma solicitou para fazer memes das professoras e já haviam pedido sua autorização, este trabalho teve que se estender mais 15 minutos, para que eles pudessem produzir os memes. A tarefa foi organizada da seguinte maneira: os alunos

escolheram as professoras espontaneamente e realizaram os memes de acordo com a percepção e olhar que tinham dos profissionais.

As professoras tiveram acesso aos memes, pois foram compartilhados no grupo de *WhatsApp* dos trabalhadores da escola. Posteriormente os memes foram expostos no mural da escola (Figura 17) para contemplação da atividade, deixando a pesquisadora satisfeita com o resultado positivo que percutiu.

Figura 17 - Colagem dos memes para exposição no mural da escola



Fonte: Registros da pesquisa, 2019.

Neste encontro todos estavam empolgados realizando as atividades com alegria, pois os memes criados foram a partir de suas fotos, tiradas pelos seus colegas ou retiradas das redes sociais. Neste caso a pesquisadora observou a criatividade e colaboração da turma, a ligação entre eles é nítida.

4.4.5 Quinto encontro (02/01/2020)

O quinto encontro estava previsto para o dia 19 de novembro de 2019, porém os professores do Estado do Rio Grande do Sul decretaram greve por tempo indeterminado e, mediante isso, a educadora-pesquisadora, concordando com a

decisão, se manteve grevista. A luta por direitos serve de exemplo para esta geração, de dignidade, justiça e liberdade e isso faz com que ainda acreditemos em uma mudança significativa na nossa sociedade. Greve é direito de todos e está amparada em lei na Constituição Federal que dispõe no art. 9º o seguinte: "É assegurado o direito de greve, competindo aos trabalhadores decidir sobre a oportunidade de exercê-lo e sobre os interesses que devam por meio dele defender" (BRASIL, 1988). Portanto, o 5º encontro aconteceu após um período longo de greve do magistério estadual, no dia 02 de janeiro de 2020, contando com a presença de todos os participantes da pesquisa.

Com este ano letivo tendo o seu término no mês de janeiro de 2020, precisei fazer uma conversa com os alunos explicando a importância do momento em que os professores pararam suas atividades docentes para lutar por uma educação de qualidade e de uma valorização da classe e que esta luta refletirá nas futuras gerações de forma positiva.

Os educandos foram reunidos nos mesmos grupos organizados anteriormente. A pesquisadora recapitulou todos os encontros com os participantes como forma de envolvê-los novamente no trabalho. Devido à distância das datas, construímos coletivamente uma linha do tempo no grupo de *WhatsApp* com as atividades trabalhadas no projeto de pesquisa. Cada grupo ficou responsável por descrever um dos encontros, o Grupo 1 descreveu o primeiro encontro e assim decorreu sucessivamente, até o Grupo 4, que descreveu o quarto encontro.

Logo após, demos início às atividades programadas para este encontro. A professora-pesquisadora explicou atividade explanando sobre o gênero textual história em quadrinhos. Apresentou aos participantes uma história em quadrinhos da Turma da Mônica (Figura 18), criada pelo brasileiro Maurício de Souza. Os educandos participaram ativamente com a professora descrevendo as características que cada personagem apresenta.

Figura 18 - História em quadrinhos apresentada à turma



Fonte: Registros da pesquisa, 2020.

Os educandos, com ajuda da pesquisadora, pesquisaram na internet como criar um texto com personagens, desenhos, falas, sensações e pensamentos, com sequência, um enredo, um lugar e personagens que dialogam entre si para contar uma narrativa. Também foram abordados os significados dos balões nas histórias em quadrinhos, sendo eles um recurso básico para trazer o leitor para dentro do texto, e foi explicado o significado da onomatopeia, que é uma figura de linguagem que imita sons ou ruídos, sendo estes temas abordados através de slides.

Os alunos tiveram a oportunidade de pesquisar sobre história em quadrinhos e escolherem uma que mais se identificarem, em seus dispositivos móveis, através dos sites seguros disponibilizados pela professora-pesquisadora, para um melhor entendimento do assunto, oportunizando um melhor debate e colaboração entre os grupos.

O Grupo 1 fez a pesquisa com iniciativa própria sobre como são feitas as histórias em quadrinhos, dividindo a tarefa da pesquisa em três eixos: “o que é?”; “para que serve?”; “como fazer?”. Essa sistematização foi liderada pelo participante Smurf, usando como justificativa que seria uma maneira organizada de divisão do trabalho. Durante a pesquisa tiveram algumas divergências, precisando da intervenção da pesquisadora, porém, conseguiram completar a tarefa, escolhendo a história a ser trabalhada com o tema Inclusão Social (Figura 19).

Figura 19 - História em quadrinhos escolhida pelo Grupo 1



Fonte: Registros da pesquisa, 2020.

Os participantes do Grupo 2 pesquisaram o significado do gênero textual história em quadrinhos, assim como o Grupo 1, também debateram muito sobre a escolha da história que iriam trabalhar, o tema e o assunto a ser abordado. Inicialmente o grupo estava muito disperso, alguns participantes queriam entrar em suas redes sociais e/ou jogar em seus celulares, então necessitou que a professora-pesquisadora interviesse e chamasse atenção para o trabalho, conversando e interagindo com eles ativamente. Os sujeitos utilizaram a história em quadrinhos que estava no grupo Aprendizagem no Zap, pois não estavam entrando em acordo.

O Grupo 3 apresentou nesta atividade maior desenvoltura, o que possibilitou um trabalho colaborativo, desde a organização de tarefas, a pesquisa no *Google* e a escrita. Durante o trabalho de pesquisa os integrantes do grupo fizeram uma síntese sobre o gênero textual história em quadrinhos, cada integrante do grupo comentou o que pesquisaram e logo após destacaram os pontos em comum de todas as pesquisas: é uma narrativa; tem tempo, lugar, enredo, personagens e desfecho; tem

balões de várias formas e significados diferentes; fácil de ler e entender; tem desenhos em sequência os alunos um aluno de cada grupo registravam no *Word* em seus celulares.

A história escolhida por eles foi sobre a Consciência Negra (Figura 20). Os estudantes escreveram a história de acordo com a sequência dos quadrinhos e no final fizeram um posicionamento crítico expressando a suas opiniões.

Figura 20 - História em quadrinhos escolhida pelo Grupo 3



Fonte: Registros da pesquisa, 2020.

O Grupo 4 organizou a pesquisa solicitada de maneira colaborativa, todos participando ativamente, sendo considerada a atividade com maior rendimento do grupo comparada com as anteriores, observando um crescimento na escrita dos componentes. Foi perceptível que os mais inibidos apresentaram uma melhor interação e colaboração na tarefa, principalmente no processo da escrita. Todos deram sua contribuição na produção textual com coerência, entendimento do tema da história escolhida (Figura 21) e argumentação dos fatos.

Figura 21 - História em quadrinhos escolhida pelo Grupo 4



Fonte: Registros da pesquisa, 2020.

4.4.6 Sexto encontro (03/01/2020)

O encontro iniciou com todos os alunos reunidos em círculo (Figura 22), os educandos acomodaram-se de acordo com seus grupos. No primeiro momento a professora-pesquisadora falou sobre a aquarela, perguntando se conheciam, se tinham, se sabiam a finalidade e se alguém já havia usado. Alguns alunos definiram a aquarela como:

- São tintas coloridas (Darwin).
- São usadas para pintar, fazer quadros, desenhos (Donzela de Batalha).
- Serve para fazer todo tipo de arte (Emoji).

A partir dessas indagações fluiu uma conversa e se concluiu que a aquarela possui várias cores, que usamos para colorir o que está descolorido, deixando com aspecto alegre e com vida.

Figura 22 - Registro fotográfico do sexto encontro



Fonte: Registros da pesquisa, 2020.

Foi enviado ao grupo de *WhatsApp* Aprendizagem no Zap a letra e a música “Aquarela” de autoria de Chico Buarque, Vinícius de Moraes e Toquinho, com intuito de todos terem acesso ao mesmo tempo para fazerem a leitura e entoar a canção e, assim, fazer uma interpretação adequada.

Logo após a canção ocorreu uma conversa informal entre professora-pesquisadora e os alunos, a qual está apresentada a seguir em fragmentos compilados pela pesquisadora a partir da fala dos educandos sobre a música:

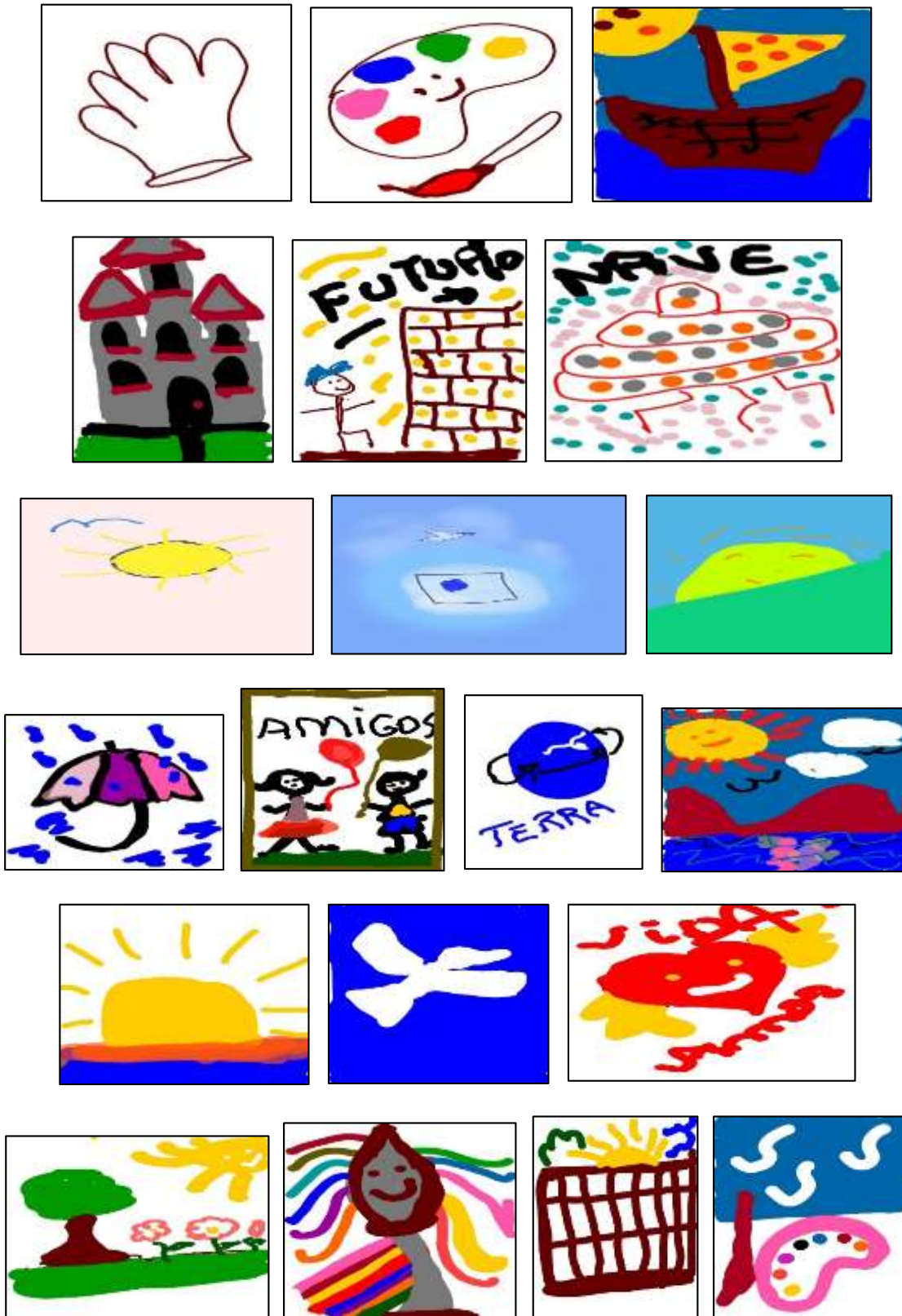
- A letra da canção mostrou que a vida pode ser colorida, alegre e divertida, dependendo somente de nós para isto acontecer, de acordo como iremos pintar o nosso dia a dia usando uma pitada de amor, humor e sensibilidade é possível um pingo em algo bom, positivo e belo.

- O tempo não tem limite no mundo de tantos males, uma criança pode viajar, sonhar e se jogar nesse fantástico mundo de “faz de conta”.

- Nos versos da canção observamos o aspecto lúdico demonstrando que a vida é feita de chegadas e partidas, de idas e vindas, saindo do mundo imaginário e entrando em fases da vida, assim temos o dever de celebrar, de ser feliz e, esta caminhada até o futuro deverá ser colorida superando todos os obstáculos para vencer.

Seguindo a atividade, os educandos utilizaram o aplicativo *Paint Free-Drawing Fun*, já instalado em seus celulares para ilustrar um trecho da música por eles escolhido (Figura 23) e deveriam compartilhar os desenhos no grupo de *WhatsApp* “Aprendizagem no Zap”.

Figura 23 - Ilustrações feitas pelos educandos referentes à música Aquarela

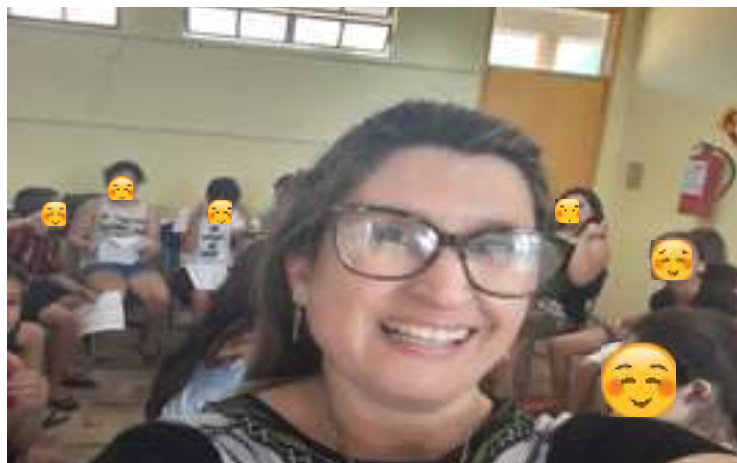


4.4.7 Sétimo encontro (06/01/2020)

Os educandos, reunidos em seus grupos, se organizaram em um grande círculo para melhor interação de todos os participantes em uma roda de conversa (Figura 24). Cada grupo escolheu uma atividade que teve mais significado para sua prática colaborativa, ou seja, a atividade que conseguiu envolver o grupo de maneira coletiva e colaborativa para a realização das atividades e, assim, os grupos fizeram um relato oral e, logo após produziram um texto para publicarem do no grupo do *WhatsApp*:

- *Eu gostei das propagandas, porque a gente usa nossa criatividade a nossa imaginação e é uma coisa divertida criar o que quiser (Toda Meiga).*
 - *O nosso trabalho dos memes, porque foi divertido, é da nossa realidade pois eu gosto de mexer com a internet e com as mídias procurando retratar a realidade o que está acontecendo no mundo de uma maneira engraçada (Instagram).*
 - *Gostei do telefone sem fio, pois percebemos que nem tudo que nos dizem é verdade (Snap Chat).*
 - *O nosso trabalho da música Aquarela, eu achei perfeito, os alunos colaboraram com a professora, cada um falou o que entendeu da música, cantamos, desenhamos a parte q mais significou para nós (Corujinha).*
 - *Gostei da história em quadrinhos, pois gosto muito de ler e ver os personagens agir na sena (YouTuber Jazzehost).*

Figura 24 - Registro da atividade realizada no sétimo encontro



Fonte: Registros da pesquisa, 2020.

Os grupos resolveram abordar mais de uma atividade, porque haviam gostado de todas e não conseguiam escolher apenas uma. A pesquisadora aceitou a proposta e levou em conta o posicionamento, o engajamento e o senso crítico que a turma do 5º ano possui.

A preocupação que os educandos demonstraram ao debater as atividades mais relevantes, e o posicionamento ao expor suas opiniões foram importantes para a conclusão da proposta de intervenção.

Para guiar a produção textual, a pesquisadora enviou para o grupo do *WhatsApp* as seguintes perguntas, que deveriam ser respondidas e justificadas: “qual a atividade que mais gostaste de realizar?”; “já havias realizado trabalhos na escola utilizando algum dispositivo móvel?”; “achas importante usar as tecnologias digitais para favorecer a aprendizagem?”.

De acordo com as produções textuais dos educandos, todos acharam as aulas interessantes, envolventes e atrativas e nenhum pouco monótonas, como costumam ser as aulas devido a quantidade de conteúdo que copiam do quadro e muitos nem conseguem aprender, pois demoram copiando. Concluíram que o celular tem muitas utilidades, principalmente no que diz respeito à troca de conhecimento, a aquisição dos conteúdos e atividades interativas, a colaboração e ajuda dos colegas e discussões sobre assuntos pertinentes, assim, gostariam que os professores adotassem esta prática durante as aulas.

Durante esta atividade partiu dos educandos a ideia de editar um vídeo com as atividades realizadas na intervenção, para expor para a comunidade escolar e contar como foi desenvolvido este trabalho e realçando a importância do envolvimento de todos em prol da aprendizagem. Assim, a pesquisadora organizou o 8º encontro para a produção desse vídeo.

4.4.8 Oitavo encontro (08/01/2020)

Este encontro foi realizado em diferentes etapas, a primeira seria a edição dos vídeos, o preparo dos representantes dos grupos para a apresentação, a apresentação dos vídeos para os pais e o restante da comunidade escolar, encerramento da participação dos educandos na intervenção e, por fim, uma confraternização.

Foram criados quatro vídeos utilizando as fotos tiradas durante a execução das atividades. Os grupos escolheram músicas para trilha sonora e utilizaram o aplicativo *Scoompa* vídeo, que serve para editar e usar alguns recursos gráficos.

Antes das apresentações, os alunos tiveram um tempo para escreverem seus depoimentos, aproveitando para refletir sobre o trabalho desenvolvido, assim tiveram a liberdade de expor suas opiniões para a comunidade escolar (Figura 25).

Figura 25 - Registro da atividade de edição de vídeo



Fonte: Registros da pesquisa, 2020.

Cada grupo escolheu um representante e se organizaram da seguinte forma: o Grupo 1 foi representado pelo aluno Smurf; o Grupo 2, pelo aluno Gumbel; o Grupo 3, pela aluna Blogueirinha e o Grupo 4, pela aluna Caroline.

Como abertura da exposição dos vídeos, os educandos fizeram uma apresentação cantando a música trabalhada no sexto encontro, “Aquarela” de autoria de Toquinho e Vinícius de Moraes (Figura 26), então iniciaram a explanação sobre a intervenção. Durante a apresentação das crianças, os pais se emocionaram com a explanação de seus filhos.

Figura 26 - Registro da apresentação dos educandos



Fonte: Registros da pesquisa, 2020.

Os grupos abordaram a importância que o trabalho colaborativo na escola, utilizando as tecnologias digitais, tem para a aprendizagem dos alunos, comentaram como eles utilizaram de forma consciente o celular, além de o quanto gostaram de participar da pesquisa.

Ao término das apresentações, a professora-pesquisadora agradeceu todas as pessoas que estavam ali presentes, equipe de professores, direção, funcionários, pais e principalmente os alunos que realizaram todas as atividades com responsabilidade e dedicação, e desta maneira apresentaram um ótimo resultado final. Logo após a pesquisadora juntamente com a diretora da escola, entregaram medalhas e certificados de participação na pesquisa-intervenção aos educandos (Figura 27). Em seguida todos se dirigiram para uma confraternização (Figura 28).

Figura 27 - Registro da entrega de medalhas e certificados



Figura 28 - Registro da confraternização de encerramento da pesquisa



Fonte: Registros da pesquisa, 2020.

4.5 Procedimentos de avaliação da intervenção

A pesquisa que foi realizada é de cunho qualitativo e teve a intencionalidade de analisar as contribuições da cibercultura para os processos de leitura e de escrita dos estudantes do 5º ano, atrelando uma nova comunicação ligada aos textos, imagens e som, surgindo a construção de diferentes signos. Podemos entender que o termo qualitativo difere do quantitativo:

A análise qualitativa é menos formal do que a análise quantitativa, pois nestes seus passos podem ser definidos de maneira relativamente simples. A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação (GIL, 2010, p. 133).

Segundo Minayo (2002, p. 21-22), podemos salientar que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo simplificado, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser conduzidos a operacionalização de variáveis.

A pesquisa-intervenção apresentada neste relatório aconteceu com alunos de 5º ano, cuja faixa etária compreende de 10 a 12 anos, de uma escola pública estadual

do município de Arroio Grande/RS, através das observações do desenvolvimento da leitura e escrita por intermédio de recursos tecnológicos digitais.

Para organizar a coleta de dados, foram filmadas e fotografadas determinadas atividades do projeto de intervenção, com as devidas autorizações assinadas e permitidas pelos responsáveis dos educandos. Posteriormente descreve-se a intervenção que começou no mês de novembro de 2019 e encerrou em janeiro de 2020.

Ao início da intervenção, foram realizadas algumas observações da turma no que se refere a postura do educando perante a escolha e interesse da leitura e da escrita no ambiente escolar com ou sem os recursos tecnológicos propostos, o que iria corroborar com a interpretação de como a intervenção atuou sobre os alunos de um modo realista, isso de acordo com Lüdke e André (1986, p. 26): “[...] na medida em que o observador acompanha as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar aprender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e as suas próprias ações”.

As observações realizadas na turma do 5º ano forneceram os dados e resultados necessários para a professora verificar se os métodos ofertados nas atividades estão atendendo os interesses dos educandos. Foram levantadas algumas indagações:

- Haverá mudança de comportamento?
- Como é a leitura e a escrita?
- Que gênero textual é de sua preferência?
- Qual o tipo de leitor?
- Os alunos irão interagir com esta proposta usando as tecnologias? De que maneira?

Os apontamentos do diário de campo foram utilizados para registrar observações significativas e para perceber a evolução da pesquisa-intervenção. Foram anotadas as falas, gestos, ações, comportamento, evolução da leitura e escrita, interação com equipamento digital e processo de aprendizagem dos alunos do 5º ano e do trabalho colaborativo nas atividades propostas. Todas as observações foram datadas, interpretadas, explicadas, conceituadas e determinam os fatos em sequência, conforme orienta Falkembach (1987).

Com a finalidade de ajudar no processo da escrita das atividades da intervenção as atividades foram filmadas por um membro convidado da escola, mais precisamente a coordenadora pedagógica, a fim de deixar a pesquisadora mais à vontade para interagir com os sujeitos. A filmagem também registrou a execução do projeto para facilitar o detalhamento da parte descritiva deste relatório.

Precisa-se catalogar e arquivar adequadamente todo e qualquer trabalho registrado com a filmagem, a fim de melhor analisá-la e utilizá-la na pesquisa qualitativa. Uma das vantagens de utilizar a técnica da filmagem é que o observador poderá voltar várias vezes a imagem para comprovar os dados que queremos para usar como delineamento do trabalho.

Em alguns momentos as atividades foram fotografadas possibilitando o registro único que pode ter interpretações diversas, pois dependeu do ângulo, da forma e do momento que foi fotografado. A análise das fotos necessitou de um olhar crítico sobre a foto e a referência do momento.

A fotografia favorece a releitura dos momentos vivenciados, observando todo o espaço, cor, objetos e formas das informações. Devemos ter cuidado com o lugar, como, quem e quando foram tiradas, porque muitas vezes poderá ficar fora de foco e trazer uma má interpretação. A fotografia pode ser utilizada ora como fonte de dados, ora como instrumento de coleta de dados e como resultado, onde pode se empregar a interpretação da linguagem visual, indo além do cenário imaginado a partir da linguagem verbal e/ou escrita (RIOS; COSTA; MENDES, 2016).

A partir disso, serão analisados os dados obtidos pelos registros da observação participante e do diário de campo. O que tornou mais relevante estes dados, foi que durante o desenvolvimento das ações da pesquisa-intervenção, houve uma intensa aproximação da pesquisadora com os alunos, permitindo que a observação se desse de forma mais estreita, assim, possibilitando uma análise mais profunda e fidedigna. A observação participante se dá pela convivência com o objeto de pesquisa, Neto (2002, p. 59) a conceitua como uma técnica que

[...] se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificados pelo contexto.

As observações foram compiladas no diário de campo, dando ênfase às percepções da pesquisadora quanto ao sentimento dos alunos nas ações da intervenção. Além dos escritos, foram utilizados vídeos e fotografias para registrar os momentos, apesar de que “[...] nada substitui o olhar atento de um pesquisador de campo ao evasivo próprio da realidade das relações sociais” (NETO, 2002, p. 63). O diário de campo, segundo Gil (2010), permite uma amplitude de componentes avaliáveis, devido ao contexto qualitativo do instrumento de coleta de dados.

Assim, para uma melhor disposição dos dados, estes foram classificados em duas categorias: *Desenvolvimento de práticas da leitura e escrita* e *Uso das tecnologias digitais como forma de compartilhar conhecimentos*, que serão apresentados nas seções a seguir.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir, serão analisados e discutidos os dados da pesquisa, seguindo as categorias de classificação. A categoria *Desenvolvimento de práticas da leitura e escrita* aborda as diferentes práticas empregadas na intervenção e como foram aceitas e desenvolvidas pelos alunos. Já a categoria *Uso das tecnologias digitais como forma de compartilhar conhecimentos* objetiva ressignificar o uso das tecnologias digitais, mostrando faces que permitem ir além do trivial e empregá-las na disseminação e construção de conhecimento.

5.1 Desenvolvimento de práticas da leitura e escrita

Nesta seção apresento os dados e suas interpretações, pertinentes às atividades de leitura e escrita realizadas na intervenção. De acordo com Sibilia (2012), se faz necessário diversificar a leitura e a escrita, para que os alunos formulem o pensamento consoante com seus interesses, para que consigam assimilar e estabelecer conexões entre as duas práticas.

No primeiro encontro foram utilizados dois gêneros textuais, uma mensagem impressa com texto e imagem que abordava o trabalho em equipe, já que eles iriam desenvolver as demais atividades em grupos, e um vídeo que explicava a história da escrita.

Apesar de não constatarem, os alunos já estavam sendo instigados a perceber a leitura e a escrita, por serem meios comuns a eles, que já estão familiarizados com esse tipo de linguagem e signos. Para Freire (1983), os signos estão ao redor dos sujeitos, bastando interpretar os acontecimentos, os fatos, assim, a leitura e a escrita vão além da codificação de signos, permeiam a relação do “homem-meio-mundo”, deste modo, edificando o conhecimento.

Outra atividade realizada foi a brincadeira “telefone sem fio” (primeiro encontro), que objetivou desenvolver a atenção e a percepção do meio, assim como o exposto acima, baseado em Freire. As mensagens transmitidas foram interpretadas de maneiras diferentes por cada participante, esclarecendo o quanto podem ser distorcidas as informações, instigando-os a procurar fontes seguras de conhecimento. Isso fica evidente nas falas dos alunos:

- *Nem sempre o que lemos ou falamos é verdade (Blogueirinha).*
- *Precisamos comprovar se aquilo que está ali foi inventado (Donzela da Batalha).*
- *Cada pessoa entende o que quer (Emoji).*

Nos encontros seguintes foram trabalhados variados gêneros textuais: propaganda e anúncio, charge, “memes”, história em quadrinhos, letra de música e texto dissertativo e argumentativo. Proporcionando aos alunos ampliarem seu conceito sobre leitura e escrita, para Silva (1993) a autenticidade e originalidade do aprender está na amplitude de experiências com a leitura, permitindo a aquisição de diferentes perspectivas.

No segundo encontro foram trabalhados os gêneros textuais propaganda e anúncio, a partir da formulação do conhecimento sobre o tema, os alunos desenvolveram logotipos de produtos. Introduzir a criação e desenvolvimento desses gêneros textuais em sala de aula, amplia a noção de leitura e escrita dos alunos, fazendo-os assimilar o meio que os rodeia (FREIRE, 1983).

Os gêneros charge, “memes” e história em quadrinhos, desenvolvidos no terceiro, quarto e quinto encontros, respectivamente, abordam a questão da interpretação da imagem e da escrita para uma leitura crítica, a fim de constituir o conhecimento sobre a informação ali descrita. Na BNCC estão descritas competências de linguagens a serem desenvolvidas no Ensino Fundamental, que versam sobre utilizar diferentes tipos de linguagens “[...] para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo” (BRASIL, 2017, p. 65).

As charges abordaram o preconceito racial, o que oportunizou que os alunos relatassem experiências, percebendo que a leitura está relacionada com o mundo, não sendo apenas ficção ou algo distante, assim visto no comentário de uma aluna:

- *Na vida isto acontece, Sora! O ano passado todos mexiam com uma menina gigante, negra e que não aprendia, só que ela estudava na escola Silvana Gonçalves, ela teve que se mudar de escola, pois chorava todos os dias. Veio estudar aqui, agora estuda no 6º ano (Instagram).*

Os “memes” são novos gêneros textuais, muito difundidos nas redes sociais, portanto, familiar aos alunos. Eles foram instigados a manusear fotografias próprias ou dos colegas (com a devida autorização) que exteriorizassem algum sentimento, assim utilizando as expressões corporais e faciais para compreender a linguagem

explícita. A seguir estão falas de alguns alunos a respeito do entendimento deles sobre os “memes”:

- *Os memes servem para que as pessoas façam humor, desperta a nossa curiosidade e a imaginação de quem escreve e de quem lê (Instagram).*
- *Este meme que fiz foi pensando em quem não gosta muito de estudar e com a cara que ele fez (risos) dá bem para perceber! (Free Fire).*
- *Os textos que eu fiz foram de acordo com as fotos e ficaram divertidos com as caretas deles (Instagram).*

A história em quadrinhos foi tratada pelos alunos, como de fácil compreensão, eles conseguiam assimilar as imagens ao texto, as expressões e os diferentes signos do gênero textual. A aprendizagem se dá pela diversificação das experiências (SILVA, 1993), os alunos, já familiarizados com diferentes signos de leitura e escrita, conseguiram interpretar de forma fluida as histórias em quadrinhos apresentadas.

No sexto encontro foi trabalhada a letra da música “Aquarela”, utilizando a análise do texto através de imagens. Ao contrário dos outros gêneros textuais acima descritos, aqui, partiu-se do texto para produção de imagens, os alunos criaram desenhos que retratavam a música. Solé (1998) afirma que a escola deve significar a leitura e a escrita, para motivar o aprendizado dessas ações, portanto, a atividade desenvolvida corroborou com seu aprendizado, ao mesmo tempo que desorganizou o pensamento dos alunos, também construiu um novo olhar sobre o ler e escrever.

A atividade realizada no sétimo encontro serviu para compilar os acontecimentos da intervenção. Os alunos debateram sobre o que foi desenvolvido durante os encontros e por fim redigiram um texto dissertativo, argumentando os pontos mais representativos da intervenção. Essa atividade partiu de fatos por eles vivenciados, para uma produção textual, de maneira que eles compreendessem a leitura do meio em que estão inseridos, para a elaboração da escrita, mantendo um intercâmbio entre a leitura e a escrita, tornando-as relevantes para o aluno (SOLÉ, 1998).

O oitavo encontro foi idealizado pelos alunos, os quais queriam divulgar para a comunidade escolar os materiais por eles produzidos. Criaram vídeos com fotos dos encontros e com músicas para trilha sonora, organizaram discursos para a exposição dos vídeos, além de realizarem uma apresentação em coral da música “Aquarela”.

Com isso se pode reafirmar o termo “leitor ubíquo”, que Santaella (2013) aplica como um leitor com capacidade de transitar por diferentes textos, movimentos

e sentidos, que mesmo estando fixo em um lugar, se desloca em uma prontidão cognitiva. Esta experiência com os alunos pretendeu despertar esse leitor no íntimo de cada um, fazendo com que eles percebessem que a leitura e a escrita estão em seu meio, não apenas na escola, e que esses processos dialogam intensamente com o ciberespaço que eles tanto se familiarizam, onde aplicam os princípios da cibercultura de colaboração, compartilhamento e ubiquidade.

5.2 Uso das tecnologias digitais como forma de produzir e compartilhar conhecimentos

Na segunda categoria serão analisados os dados relativos ao uso de tecnologias digitais, dentre as atividades realizadas na intervenção. Esses dados foram voltados às habilidades inerentes dos nativos digitais, levando em conta suas potencialidades para diversificar a leitura e a escrita, tornando-as interessantes aos alunos (PRENSKY, 2001).

Para realizar as atividades, os alunos recorreram aos seus dispositivos móveis, seus celulares, onde instalaram aplicativos e/ou utilizaram aplicativos já presentes em seus aparelhos. Os aplicativos foram o *WhatsApp*, *Paint Free-Drawing Fun*, *Criador de memes* e *Scoompa vídeo*, empregados para comunicação e compartilhamento, criação artística de desenhos, produção de memes e edição de vídeos, respectivamente. Foi liberada a senha da *Wi-Fi* de internet da escola, para que eles pudessem realizar as atividades.

No primeiro encontro da pesquisa-intervenção foi criado um grupo no *WhatsApp*, intitulado “Aprendizagem no Zap”, com a participação de todos os alunos e da professora. O intuito de grupo era a comunicação entre os participantes, o compartilhamento de informações e conhecimento, e das produções dos alunos durante a intervenção.

Os alunos ficaram empolgados em poder utilizar seus celulares em sala de aula, isso estimulou-os a participar com mais fervor das aulas, conforme visto na seguinte fala:

- Nossa turma é a única que usa o celular na sala, a outra turma não pode usar (Emoji).

Ficou evidente o entusiasmo deles em utilizar o celular como ferramenta para realizar atividades escolares, em prol de sua aprendizagem. Isso leva a perceber que, com atividades realizadas com colaboração e interação, partindo dos interesses dos educandos, podemos produzir e trocar conhecimento. Corroborando como o exposto, cito Marcon (2015, p. 34) que diz que “[...] atualmente o sujeito sente-se capaz de participar, interagir, produzir e distribuir conteúdo, principalmente porque reconhece o papel comunicativo que é inerente à rede, assim como a cooperação e participação”.

As tecnologias digitais estão ao alcance das mãos, possibilitando inúmeras utilidades que facilitam as atividades rotineiras. Podem e devem ser utilizadas para o ensino e aprendizagem, com responsabilidade, planejamento e supervisão do professor, “[...] para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva” (BRASIL, 2017, p. 65), conforme apresentado na BNCC.

No segundo encontro foi proposto que os alunos criassem um produto e seu logotipo, baseando-se nos gêneros textuais propaganda e anúncio, que se deu da seguinte forma: os alunos realizaram uma pesquisa sobre o tema no *Google*, em seus dispositivos móveis. A criação do logotipo foi através do aplicativo *Paint Free-Drawing Fun*, o qual possibilita desenhar e colorir de maneira lúdica e criativa. Ao fim, todos postaram suas produções no grupo “Aprendizagem no Zap”.

Possibilitar a aplicação das tecnologias digitais em sala de aula é um recurso para aproximar os alunos da escola, já que para eles é quase impossível uma desconexão dos dispositivos eletrônicos. A escola deve se integrar às tecnologias digitais e se desprender de seus métodos e linguagens analógicos, para que harmonizar a relação com os alunos, que fazem parte de uma geração que está atenta e constantemente conectada aos seus dispositivos eletrônicos (SIBILIA, 2012).

No terceiro encontro, assim como no quinto e sétimo (antecipando-os para uma análise conjunta por suas semelhanças), foi compartilhado pela professora, no grupo do *WhatsApp* tópicos norteadores para introduzir os gêneros textuais a serem estudados, sendo charge, história em quadrinhos e texto dissertativo, respectivamente aos encontros. Além dos alunos utilizarem seus celulares para leitura, também foram empregados para a escrita, pois após cada atividade, em grupos, produziram seus conteúdos relacionados a cada gênero textual aprendido, compartilhando esse conhecimento com a turma.

Santos (2013), também experimentou o uso do aplicativo *WhatsApp* como suporte para trabalhar a leitura, e, do mesmo modo, obteve sucesso. A autora diz que encontrou no aplicativo um importante aliado para o ensino e a aprendizagem, pois permite trabalhar com diversas formas de compartilhamento de informação, sendo textos, áudio, imagem e vídeo.

Em relação ao quarto encontro, foi proposta a utilização do aplicativo “Criador de memes” para desenvolver memes com fotos próprias ou dos colegas (com a devida autorização) e postagem no grupo do *WhatsApp*. A atividade foi muito bem recebida pelos alunos, todos já estavam familiarizados com o tema e alguns já haviam produzido memes, inclusive já tinham o aplicativo instalado em seus celulares:

- *Os memes servem para que as pessoas façam humor, desperta a nossa curiosidade e a imaginação de quem escreve e de quem lê (Instagram).*
- *Eu conheço e faço sempre, tenho um aplicativo no meu celular (Donzela de Batalha).*

A realidade de leitura e escrita está se modificando com o uso das tecnologias digitais e com a conexão no ciberespaço. Diversos signos podem ser transmitidos e interpretados e, rapidamente difundidos no ciberespaço, conectando sujeitos em uma ampla rede de comunicação (SANTAELLA, 2013).

Para o estudo do gênero letra de música, no sexto encontro, postei no grupo “Aprendizagem no Zap”, a música “Aquarela”, para que todos os alunos tivessem acesso. Após a interpretação, os alunos criaram desenhos que representavam trechos por eles escolhidos, que foram compartilhados no grupo. O uso de tecnologia digital para essa atividade propiciou o aprendizado de forma muito interativa, permeando entre palavras, sons e imagens e, ainda, dispensou uso de papel, tanto para a leitura da música quanto para os desenhos, conscientizando sobre a preservação do meio ambiente.

Essa ideia da materialidade do papel ser substituída pela tecnologia foi descrita por Chartier (1998), que afirma que há diversas possibilidades de representação tecnológica para objetos impressos, que modificam a leitura, a escrita e as técnicas intelectuais.

No último encontro, o oitavo, sugerido pelos alunos, houve a edição de vídeos com fotos tiradas durante a intervenção e as produções compartilhadas no grupo do *WhatsApp*. Para tal, foi utilizado o aplicativo *Scoompa Víde*o, que serve para editar e usar alguns recursos gráficos e sonoros. O intuito era a divulgação de todo o processo

da pesquisa para a comunidade escolar, esta ideia partiu dos alunos, que demonstravam um sentimento de contentamento sobre suas obras.

Assim, os alunos expuseram suas produções, sem receios, revelando seu papel comunicativo frente a outros sujeitos. Deste modo eles ressignificaram seu papel no processo de ensino e aprendizagem, podendo citar Freire (2003, p. 47) que diz que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”.

Com o acima exposto, concebem-se algumas possibilidades do uso das tecnologias digitais para o ensino e a aprendizagem, que tornaram os processos relevantes e atraentes aos alunos, bem como Moran (2000, p. 02) afirma:

Podemos modificar a forma de ensinar e de aprender. Um ensinar mais compartilhado. Orientado, coordenado pelo professor, mas com profunda participação dos alunos, individual e grupalmente, onde as tecnologias ajudarão [...].

Parte de nós professores aproximar os alunos da escola, trazendo a sua realidade para estimulá-los à aprendizagem. A educação precisa se conectar ao novo e interagir com as tecnologias digitais, que já se tornaram banais no cotidiano dos alunos. Também parte de nós orientar esse processo de forma responsável e planejada, para que se torne efetivo e significativo.

Pudemos perceber o efeito positivo desta pesquisa na organização de uma multifeira (Figura 29) com o tema “Cibercultura” para que a comunidade escolar ficasse a par do trabalho. O trabalho exposto foi uma pesquisa organizada pelos alunos e orientada pela professora, o interesse dos sujeitos pelo assunto surgiu a partir da proposta de trabalho que já tinha sido debatido entre ambas as partes no decorrer do ano letivo de 2019.

Figura 29 - Registros da multifeira



Fonte: Registros da pesquisa, 2020.

As ferramentas tecnológicas digitais influem diretamente no cotidiano dos alunos, introduzindo diversificadas formas de comunicação, leitura e escrita, com múltiplos signos, muito além de letras. Atualmente o compartilhamento de conteúdo e informação se dá nas mais variadas formas, por isso Farias (2001, p. 13), afirma que “[...] assim como muitas outras áreas do saber, a tipografia, nas últimas décadas, parece atravessar um momento de revisão de valores e redefinição de território”.

Vincular o ciberespaço com a educação está inevitável, pois as gerações atuais de jovens, se mantêm conectadas com o mundo digital, assim, nada mais racional que os unir. Portanto, o professor ainda como mediador do processo de ensino e aprendizagem, remodela suas práxis para versar a educação com a realidade do educando.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa-intervenção aplicada na turma do 5º ano do Ensino Fundamental oportunizou analisar as práticas educativas, trouxe um olhar diferente sobre o uso dos recursos digitais disponíveis na atualidade como ferramenta pedagógica, para aprimoramento do ensino. Mudanças na sociedade contemporânea estão acontecendo, a pluralidade destas ferramentas surge numa intensidade possibilitando uma maior interação, compartilhamento e mobilidade no tempo, informação e espaço. O ensino exige, por sua vez, novos saberes. Devemos estar em constante aprendizado, atualização metodológica e desenvolvendo habilidades para atuar em tempos de cibercultura.

Ressignificar a práxis do educador requer reflexão, mudanças e disponibilidade de sair por algumas horas do analógico, que o sistema exige, e incluir o digital, permitindo trabalhar algumas habilidades como o trabalho em equipe, a colaboração, a troca de ideias e o compartilhamento das informações e do aprendizado. A escola que trabalho facilitou este processo, pois tem internet disponível, tendo em vista que a realidade das escolas brasileiras seja outra.

A pesquisa realizada foi de cunho qualitativo e teve a intencionalidade de rever os problemas que os alunos apresentam em relação a leitura e a escrita no processo ensino e aprendizagem vivenciada na cibercultura, como uma nova comunicação ligada aos textos, imagens e sons, surgindo a construção de diferentes signos. A intervenção pedagógica aconteceu em oito encontros, nos meses de novembro de 2019 e janeiro de 2020, três vezes por semana com duas horas cada, no ensino de Língua Portuguesa com vinte sujeitos participantes. As atividades foram realizadas como propostas metodológicas para a construção do conhecimento. A internet foi de livre acesso para aplicação das atividades e utilizou como recurso tecnológico o *smartphone*, visto que todos fazem uso deste aparelho.

A turma criou o grupo de *WhatsApp* a fim de compartilhar e colaborar com o trabalho, para que desta maneira, a cibercultura auxiliasse no ensino-aprendizagem. No ambiente da sala de aula os alunos se dividiram em quatro grupos com cinco elementos, a escolha foi de acordo com a afinidade dos educandos. O grupo foi denominado *Aprendizagem no Zap*.

Desta forma, o trabalho realizado disponibilizou uma nova forma de comunicação dinâmica, interativa e, assim, utilizando recursos digitais para mediar o

processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista que o *WhatsApp* oferece uma leitura e escrita de textos multimodais (escrita, imagens, sons, vídeos). No que diz respeito à escolha dos gêneros textuais a serem trabalhados, optou-se por propagandas, anúncios, charge, histórias em quadrinho, memes e letras de músicas, desta forma todas as nossas interações como ouvir, falar, ler e escrever se dão através dos gêneros textuais.

Os resultados desta pesquisa de intervenção contemplaram todos os objetivos da proposta, potencializando as tecnologias digitais e seus usos como ferramentas de ensino e aprendizagem e contemplando uma experiência significativa para o grupo, aproximando professor e aluno para que ambos trocassem conhecimentos. A pesquisa visou potencializar as práticas de leitura e escrita, alicerçada nos princípios da cibercultura, que são colaboração, compartilhamento e ubiquidade.

Assim, como visto durante a intervenção, os educandos atingiram tais princípios. A colaboração foi muito desenvolvida no trabalho em grupo, onde um apoiava o outro para a realização das tarefas. O compartilhamento se deu de vários modos, quando eles arguíam sobre as temáticas das atividades, quando utilizavam os recursos tecnológicos para mostrar e dividir suas produções e, por fim, quando decidiram envolver toda a comunidade escolar em seu processo de aprendizagem, ao exporem os produtos da intervenção. E a ubiquidade foi atingida ao se utilizar os recursos tecnológicos e a internet, que no caso desta turma de alunos, conseguiu abranger todos, pois era utilizada a internet da escola para o desenvolvimento das atividades, assim, todos tinham acesso ao que era realizado em sala de aula.

No que tange à prática de leitura e escrita, os educandos perceberam que suas atividades rotineiras de navegação no ciberespaço, podem ser introduzidas no processo de ensino e aprendizagem, e que os recursos tecnológicos digitais podem ser grandes aliados a esse processo.

Esta intervenção serviu de suporte para refletirmos sobre a importância de inovar os recursos didáticos para darmos uma aula prazerosa e, que venha ao encontro dos interesses dos novos leitores digitais. Precisamos oportunizar condições para o uso das tecnologias no ambiente escolar de forma pedagógica e educativa, com a integração das tecnologias digitais usando como mais um meio para que as aulas tenham sentido para as crianças e direcioná-las para uma metodologia de busca de conhecimento, pesquisa e interesse mútuo.

Outro ponto importante para salientar no decorrer da pesquisa foi a concentração, o interesse e a ajuda mútua que os estudantes tiveram entre eles. Este engajamento levou-me a perceber que quando o aluno gosta da atividade proposta, teremos um retorno positivo do trabalho e conseqüentemente a aprendizagem será significativa assim concretizou com êxito a pesquisa. O que me realiza profissional e pessoalmente, pois ao sair da minha zona de conforto, busquei me atualizar para remodelar minha prática pedagógica, o que me faz refletir que sempre há o que aprender.

É importante ressaltar que, através deste trabalho, podemos perceber que o processo ensino e aprendizagem é significativamente construído por meio da comunicação, do diálogo que estimulam a troca, a cooperação e o compartilhamento das informações oferecidas aos indivíduos. Desta maneira problematizar os processos educativos leva-nos a criar novos paradigmas para acompanhar a contemporaneidade do ensino atual, visto a velocidade de informações emergentes surgem diariamente potencializando ainda mais as tecnologias digitais sobre diversos aspectos tangentes do ensino.

Ao reportar aos objetivos desta pesquisa intervenção (geral e específicos) ficam claras as interfaces de conhecimento e uma pluralidade de saberes interlaçados às múltiplas aprendizagens e uma inteligência coletiva. Ao compartilhar conhecimento, colaborar e construir conceitos, os educandos puderam perceber que a inserção das tecnologias digitais nas aulas serviu de base metodológicas para aproximar professor e aluno suscitando uma experiência satisfatória para ambas as partes.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Aryanne. [Sem título]. **Pensador**, [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTAxMzE0Mw/>. Acesso em: 22 out. 2020.
- ARROIO GRANDE. **Projeto Político-Pedagógico da E. E. E. M. “20 de setembro”, 2016 – 2017**. Arroio Grande: Secretaria Municipal de Educação, 2017.
- BARBOSA, Jaqueline Peixoto; ROVAI, Célia Fagundes. **Gêneros do discurso na escola**: rediscutindo princípios e práticas. FTD: São Paulo, 2012.
- BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. 2. ed. São Paulo: Editora Autores Associados, 1999.
- BONILLA, Maria Helena Silveira; SOUZA, Joseilda Sampaio. Diretrizes metodológicas utilizadas em ações de inclusão digital. *In*: BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. (Orgs.). **Inclusão digital**: polêmica contemporânea. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 91-107.
- BORGES, Maria Alice Guimarães. A compreensão da sociedade da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 25-32, dez. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652000000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 out. 2020.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil – 1988. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 abr. 2020.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 28 set. 2020.
- BRASIL. Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018. Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 13 jul. 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13696.htm. Acesso em: 22 out. 2020.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador – Conversações com Jean Lebrun. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A história os a leitura do tempo**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DAMIANI, Magda *et al.* Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação/FaE/UFPEl**, Pelotas, v. 45, n. 23, p. 57-67, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/3822>. Acesso em: 22 out. 2020.

FALKEMBACH, Elza Maria F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. **Revista Contexto/Educação**, Ijuí, v. 7, n.p. 1987.

FARIAS, Priscila L. **Tipografia digital**: o impacto das novas tecnologias. Rio de Janeiro: Editora 2AB, 2001.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GADOTTI, Moacir. A boniteza de um sonho: aprender e ensinar com sentido. **Abceducatio**, São Paulo, Ano III, n. 17, p. 30-33, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOUVEIA, Luís Manuel Borges. **Notas de contribuição para uma definição operacional**. [S. l.], 2004. Disponível em: http://homepage.ufp.pt/lmbg/reserva/lbg_socinformacao04.pdf. Acesso em: 12 out. 2019.

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. **Design gráfico**: do invisível ao legível. São Paulo: Rosari, 2008.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

LEMOS, André. Cibercultura - Alguns pontos para compreender a nossa época. *In*: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Orgs.). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 11-23.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus. 2010.

LÉVY, Piérre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Piérre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação**: Uma abordagem qualitativa. São Paulo: EPU, 1986.

MARCON, Karina. **A inclusão digital na formação inicial de educadores a distância**: estudo multicaso nas universidades abertas do Brasil e de Portugal. 2015. 252 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 09-29.

MORAN, José Manuel. Mudar a forma de ensinar e de aprender: transformar as aulas em pesquisa e comunicação presencial-virtual. **Revista Interações**, São Paulo, v. 5, p. 01-12, 2000. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/uber.pdf. Acesso em: 12 nov. 2019.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 51-66.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

PRENSKY, Marc. **Nativos digitais, Imigrantes digitais**. Tradução de Roberta de Moraes Jesus de Souza. [S. l.], 2001. Disponível em: <http://crisgorete.pbworks.com/w/file/fetch/58325978/Nativos.pdf>. Acesso em 20 de outubro de 2019.

PRETTO, Nelson Luca. O desafio de educar na era digital: educações. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 24, n. 1, p. 95-118, 2011. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/3042>. Acesso em: 10 ago. 2019.

PROJETO DIAS. Evolução das tecnologias na educação. **YouTube**, [S. l.], 23 nov. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tcLLTsP3wlo&has_verified=1. Acesso em: 22 out. 2020.

RIOS, Sadraque O.; COSTA, Jean Mario A.; MENDES, Vera Lucia P. S. A fotografia como técnica e objeto de estudo na pesquisa qualitativa. **Discursos fotográficos**, Londrina, v. 12, n. 20, jan./jul. 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/22542>. Acesso em: 10 jul. 2020.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane. **Escola conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. Paulus: São Paulo, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação Ubíqua: Repercussões na cultura e na educação.** São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, Edméa Oliveira. **Educação on-line, Cibercultura e Pesquisa-formação na prática docente.** 2005. 351 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SANTOS, Rosemary Santos; SANTOS, Edméa Oliveira. Cibercultura: redes educativas e práticas cotidianas. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v. 04, n. 07, p. 159-183, jan./jul. 2012. Disponível em: <http://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca/article/view/226>. Acesso em: 22 out. 2020.

SANTOS, Sandra Virgínia Correia de Andrade. O uso do celular nas práticas de letramento. *In: FORUM IDENTIDADES E ALTERIDADES; CONGRESSO NACIONAL EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE*, 6., 2., 2013, Itabaiana. **Anais [...]**. Itabaiana: UFS, 2013. p. 01-10. Disponível em: <https://silo.tips/download/o-uso-do-celular-nas-praticas-de-letramento>. Acesso em: 23 out. 2020.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Ezequiel Teodoro. **Elementos de Pedagogia da Leitura.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2. ed. 11. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002008100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 out. 2020.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Laís Andrade; SANTOS FILHO, Eudaldo Francisco dos; TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. Cronologia visual da tipografia: do surgimento da escrita à idade média. *In: SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENHO, CULTURA E INTERATIVIDADE*, 11., 2015, Feira de Santana. **Anais [...]**. Feira de Santana: UEFS, 2015. p. 524-533. Disponível em: <https://silo.tips/download/cronologia-visual-da-tipografia-do-surgimento-da-escrita-a-idade-media>. Acesso em: 23 out. 2020.

TEBEROSKY, Ana. **Psicopedagogia da linguagem escrita.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2003.

APÊNDICE A - PERGUNTAS ELABORADAS PARA O GRUPO FOCAL

1. Qual a sua forma de entretenimento?
2. Tem computador e internet em casa?
3. Se não possui internet utiliza Ciber/l an house?
4. Quais os horários que fica usando a internet?
5. Para quais atividades você utiliza os aparelhos digitais?
6. Você lê e-books, notícias ou textos no computador/Internet? Como utiliza esses textos: cópia ou só consulta?
7. Você acha a leitura importante? Por quê?
8. A escola oportuniza livros literários para a leitura? Como?
9. De que maneira você costuma realizar produções de textos?
10. Você gostaria de usar os aparelhos digitais, na escola para ler e escrever textos? Explique?

APÊNDICE B - RESPOSTAS DOS ALUNOS DO GRUPO FOCAL**A) Free Fire**

1. As tarefas que faço é lavar a louça, ando a cavalo, ginetear em bois, uso muito o face para jogo, *WhatsApp* e adoro ficar jogando Free Fire.
2. Tenho computador, mas está estragado uso mais o celular e o tablet.
3. Fui várias vezes com meus amigos jogar.
4. Jogo das 4 h até as 7 h da manhã escondido da mãe.
5. Uso algumas vezes para pesquisa, mas jogo mais.
6. Quando aparece alguma notificação entro para ler notícias, jornal. Não gosto de baixar livros para ler, ocupa muito espaço.
7. Sim, porque aprendemos coisas da escola.
8. Sim, vou à biblioteca e peço.
9. Realizo as produções de texto pensando muito no tema que a professora fala e lembro-me de alguma história parecida.
10. Gostaria sim de usar em aula, pois uso bastante em casa.

B) Play Store

1. Passo o tempo brincando de boneca com meus amigos, assisto TV, mexo no celular da minha mãe, pois ainda não ganhei o meu celular só vou ganhar no Natal.
2. Tenho computador e internet na minha casa.
3. Conheço, mas nunca fui.
4. Quando a minha mãe não está usando eu pego para jogar tem que ser quando ela deixa.
5. Uso para procurar coisas interessantes, pesquisa, vídeos e jogos.
6. Não leio no computador e só leio livro de papel. Quando tenho uma pesquisa procuro na internet e copio em uma folha, porque não tenho impressora.
7. A leitura é muito importante para sermos mais inteligentes.
8. A escola tem a biblioteca e o cantinho da leitura para pegar livros.
9. Penso e escrevo bastante, porque acho que tenho muita imaginação.
10. Mais ou menos, pois todos têm celulares e eu não.

C) Darwin

1. Assisto vídeos, jogo no celular, jogo futebol na rua brinco com meus amigos, passeio com meu cachorro e uso o *WhatsApp*.
2. Sim, mas não funciona.
3. Eu nunca fui a *lan house*.
4. Qualquer horário eu uso.
5. Só jogo mesmo.
6. Não utilizo, só quando a professora pede de tema para pesquisar alguma coisa.
7. É importante ler, a gente fica mais esperto e conhece muitas coisas lendo.
8. Tem um cantinho da leitura na sala de aula, cada colega trouxe um livro para montar e ai pegamos e levamos para casa para ler.
9. Eu invento o título e escrevo, gosto de histórias engraçadas.
10. Gostaria, porque é bom, é interessante, é indiferente.

D) Gumball

1. Eu jogo no celular, Xbox, assisto TV, escuto música e jogo super-Nintendo.
2. Sim, tenho computador e Tablet.
3. Nunca fui, nem conheço lan Houser.
4. Qualquer horário que estou em casa.
5. Utilizo os aparelhos digitais para jogar, assistir vídeos e desenhos.
6. Não uso muito, somente quando tem algum trabalho.
7. Sim acho muito importante ler para escrever melhor, estudar e aprender.
8. A escola oportuniza livros, mas não gosto de pegar para ler. Só leio o que me interessa no computador.
9. Penso e depois escrevo, mas a professora sempre explica e eu escrevo, penso e nunca acho bom.
10. Gostaria, porque eu uso muito já.

E) Naruto

1. Brinco com meu cachorro, jogo Xbox, jogo no celular e assisto Netflix.
2. Tenho dois computadores e internet em casa.
3. Nunca fui.
4. Só depois que faço os temas e até meia noite.
5. Os aparelhos digitais uso para jogar, falar com os amigos, ouvir música assistir vídeos.
6. Uso para estudar, pesquisar e desenhar, mas não tenho o costume de ler livros.
7. Acho importante ler para aprender.
8. Tem livro pra todos os lados.
9. Penso em algum filme que assisti e monto a história minha.
10. Muito legal, porque não gosto que proibem.

F) Gamer

1. Mexo muito, muito mais muito no celular, estou viciada no jogo Tik Tok,
2. *Instagram*, brinco com minha gatinha e uso o *WhatsApp*.
3. Tenho dois computadores e tenho internet. Ué quem não tem?
4. Não fui e nem sei o que é.
5. O horário que estou em casa sem fazer nada.
6. Eu uso os aparelhos digitais para escutar música, jogar, assistir vídeo, conversar com meus colegas e pesquisar.
7. Leio as notícias que me interessam não coisa ruim, não gosto de ler livro no celular e pesquiso as matérias para estudar.
8. Sim, a leitura é importante para ter informações dos assuntos.
9. Sim tem muitos livros aqui e nós usamos.
10. Gosto muito de escrever coisas e historinhas, é só pensar e escrever.
11. Eu ia adorar, tipo muito bom é show de bola sora!

G) Blog

1. Amo assistir seres na Netflix, jogo no celular, brinco com minha colega (Netflix), uso o *Instagram*, *youTube*, brinco de esconde-esconde e tic tok.
2. Tenho um computador e internet.
3. Nunca fui, nem sei o que é.
4. Eu tenho horário, depois que fazer os temas e fico até a meia noite.
5. Os aparelhos digitais eu uso para jogar, assistir vídeo, *Instagram* e procurar sites.
6. Eu pesquiso, leio livrinhos e baixo músicas.
7. Sim, na biblioteca e a professora fez um cantinho da leitura que todos podem pegar e ler.
8. Acho muito importante para não passar vergonha e não entender nada do mundo.
9. Tenho um pouco de dificuldade de escrever fico nervosa, mas consigo fazer uma história imaginando algo que conheço.
10. Gostaria, porque é bom usar é divertido.

H) Youtuber Jazzehost

1. Jogo bastante, brinco com minha cachorrinha, uso raro o face e assisto vídeo no *YouTube* e interajo com minha família.
2. Tenho dois notebook e internet.
3. Nunca fui, mas já ouvi falar e passei na frente uma vez.
4. Posso jogar qualquer hora, desde que não tenha coisa do colégio para fazer ou sair.
5. Uso os aparelhos digitais para jogar, assistir vídeos e estudar.
6. Gosto muito de ler e pesquisar e copio as perguntas.
7. Sim é importante para aprender.
8. Tem livros na biblioteca é só pedir que elas anotam e colocam um prazo para entregar.
9. Eu gosto de escrever e não tenho dificuldades só penso bastante.
10. É legal, tipo fantástico.

I) Smurf

1. Jogo muito futebol com meus amigos da escolinha, uso o celular para jogar, entrar no face, no *WhatsApp* e assisto filmes e séries.
2. Na minha casa não, mas no jornal do meu pai tem e eu uso lá.
3. Já fui, mas agora não vou mais.
4. Tenho horário para usar. Mais ou menos até meia noite.
5. Uso os aparelhos digitais para ouvir músicas e baixar jogos, pesquisar trabalhos e usar as redes sociais.
6. Adoro ler tudo no computador até porque ajudo o meu pai no jornal.
7. É muito importante pra aumentar o nosso conhecimento.
8. Tem muitos livros na escola é só pedir emprestado.
9. Escrevo bem, estou acostumado a escrever histórias tanto no computador quanto no caderno.
10. Iria adorar, pois é uma aula diferente para aprender coisas.

J) Jmvlf

1. Brinco com minha maninha, passeio, assisto TV e vídeos no *YouTube*, jogo no celular, no Play 4 e uso pouco o face e *Whats*.
2. Não tenho computador só Tablet, mas lá em casa tem internet.
3. Já fui, mas não vou mais.
4. Não tenho horário certo, mas minha mãe me faz estudar quando tem prova.
5. Uso para ler alguma notícia, jogar, me comunicar com as pessoas.
6. Gosto de ler no celular livro, mas não baixo por causa da memória. Quando tem trabalho eu pesquiso para copiar o trabalho.
7. Sim, na biblioteca, mas não dão tem que pedir.
8. Acho importante para ler melhor na frente dos colegas e aprender.
9. Tenho um pouco de dificuldade de escrever, porque é difícil inventar coisa que não existem.
10. Seria bem legal, aí eu ia procurar coisa na internet para copiar.

Grupo rosa:**K) Netflix**

1. Jogo no celular, assisto vídeo e baixo para o meu canal, gravo vídeos para o meu canal, assisto filmes e séries na Netflix, uso o *Whats* e o *Face*.
2. Tenho dois computadores e internet.
3. Nunca fui e nem minha avó deixa.
4. Posso ficar até a meia noite.
5. Uso o meu canal, jogo, estudo os conteúdos que a senhora passa, assisto vídeos, Snap chat e *Instagram*.
6. Gosto de ler, baixar livros e músicas, fazer histórias em quadrinho e pesquisar.
7. Sim, pegar na biblioteca e no cantinho da leitura.
8. É muito importante todo o aluno ler para ficar mais inteligente e descobrir coisas novas que a gente ainda não sabe.
9. Se eu ler bastante vou saber escrever qualquer tipo de texto.
10. Seria bom, mas tenho medo de não usar mais o caderno e não aprender escrever as palavras certas, porque o computador corrige.

L) Instagram

1. Brinco de futebol, saio para passear, assisto vídeo no *YouTube*, uso o *WhatsApp* assisto filme na Netflix.
2. Tenho computador e internet em casa.
3. Nunca fui.
4. Quando tenho prova não posso mexer, mas em outros dias que não tenho nada mexo até às 11 horas da noite.
5. Faço muitas coisas jogo, assisto vídeo, escuto música, converso no whatsapp e outras coisa também.
6. Quando tem pesquisa eu uso o computador copio, faço resumo e leio alguns livrinhos. Não é sempre que leio livro no computador.
7. A leitura é muito importante, porque aprendemos coisas diferentes.
8. Claro né sora? Tem livro por todos lados e tem a biblioteca para pegar livrinhos.
9. Eu adoro escrever imagino mil coisas, penso primeiro nos personagens e depois no título e escrevo.
10. Até é legal, mas tenho medo que os colegas esqueçam que é uma escola e pensam que estão em casa.

M) Toda Meiga

1. Faço muitas coisas, o tema, estudo, cuidado do meu irmão, jogo, assisto desenhos no *YouTube*.
2. Tenho computador e internet.
3. Nunca fui.
4. Sora eu uso qualquer hora se eu estiver sem nada para fazer.
5. Uso para jogar, assistir vídeos, filmar, *Snapchat*, *Instagram*, *face* e *Whats*.
6. Não gosto de ler livro no computador, mas leio livro real, pesquiso coisas do colégio.
7. É muito importante ler para aprender mais.
8. Sim na biblioteca, na aula e tem que pedir para ler.
9. Não consigo escrever muito meu texto é pequeno, pois é difícil.
10. Muito bom, porque usamos em casa e agora podemos usar sem medo na escola.

N) Snap Chat

1. Estou o dia inteiro no celular só para na escola.
2. Não tenho computador, tenho internet em casa.
3. Já fui com meus amigos, mas agora não mais.
4. Qualquer hora a mãe não tá nem aí.
5. Uso pra tudo: jogar, tirar foto, filmar, assistir vídeos, *Instagram*, *Snapchat* eu adoro, *WhatsApp* e *Face*.
6. Nem pensar ler livro no computador só no papel. Pesquiso quando a prof manda é claro. Tenho preguiça.
7. Eu acho importante, mas não sou muito chegada.
8. Sim na biblioteca. Se eu quiser eu peço e elas dão.
9. É chato escrever tenho muita preguiça.
10. Bah! Seria legal, bom demais porque adoro usar o celular para fazer alguma coisa e na aula não dá.

O) Blogueirinha

1. Durmo muito de manhã, mexo no celular e brinco.
2. Tenho computador e internet.
3. Nunca fui.
4. Só mexo 1h por dia, porque tenho que estudar.
5. Eu jogo, tiro foto, mexo no *Whats*, no *Snapchat*, *Instagram* e assisto vídeo.
6. Até leio um pouco coisas que eu gosto de saber, mas livro só o de papel, pesquiso as coisas do colégio.
7. Eu acho muito importante ler para saber as novidades e conhecer as histórias
8. Tem livros na escola e as professoras dão no início do ano e também emprestam.
9. Eu adoro escrever, é muito fácil é só pensar e colocar no papel.
10. Adoraria eu ia usar para aprender os conteúdos da escola.

Grupo verde:**P) Caroline**

1. Eu passeio, brinco de boneca, leio gibis e livrinhos de histórias, jogo no celular e outras coisas.
2. Tenho três computadores em casa e internet.
3. Nunca fui à vida.
4. Posso usar até às 10 h da noite.
5. Jogo muito *Free Fire*, uso *WhatsApp*, *Instagram*, desenho no computador e estudo também.
6. Adoro ler em qualquer lugar, baixo livro sim e desenho e escrevo história.
7. A leitura é muito importante para o nosso conhecimento.
8. Tem muitos livros na escola tanto para crianças, adolescentes e para adulto é só pedir que a professora empresta.
9. Eu gosto tanto de escrever historinhas que eu quero escrever um livro.
10. Gostaria muito usar os aparelhos digitais para facilitar o entendimento dos conteúdos.

Q) Donzela de Batalha

1. Eu desenho muito em casa, brinco e faço roupas para as bonecas, ajudo minha mãe, estudo e jogo no celular.
2. Tenho computador e internet na minha casa.
3. Nunca fui, nem sei se tem aqui.
4. A hora que não tenho outra coisa para fazer eu jogo até 11 h da noite.
5. Jogo free fire, *Snapchat*, assisto vídeo no you tube, *Instagram* e *WhatsApp*.
6. Gosto de ler até no computador notícias, livros e faço pesquisa de qualquer assunto que me interessa.
7. A leitura é importante para nossa imaginação.
8. Tem livros sim é só pedir que a diretora empresta e tem na aula nós usamos bastante.
9. Eu escrevo bastante com facilidade não tenho dificuldades porque escrevo muito em casa.
10. É muito bom usar as tecnologias em aula podemos aprende bastante com elas.

R) Like

1. Me acordo cedo, jogo no celular um pouco, faço meus temas e quando chego do colégio brinco com meus amigos, a noite vou jogar novamente e passeio com meus pais fim de semana.
2. Tenho computador e internet.
3. Nunca fui, pois minha casa fica longe.
4. Jogo um pouco de manhã e a noite.
5. Uso o face, *WhatsApp*, assisto vídeos no *YouTube*, faço pesquisa de alguma coisa que quero saber e gosto de desenhar.
6. Nunca baixei livro, mas só abro e leio, gosto de algumas notícias, não muitas, porque tem coisas chatas.
7. Eu acho a leitura importante para pensar e não ter Alzheimer.
8. Na biblioteca e na aula.
9. Eu penso em alguma coisa que eu vivi ou li e junto as histórias e escrevo.
10. Gostaria para pesquisar e ajudar no meu conhecimento.

S) Corujinha

1. Eu jogo futebol na escolinha, brinco com meus amigos, assisto filmes e jogos no celular.
2. Tenho 2 computadores e internet.
3. Não fui, pois não é interessante.
4. A hora que eu quiser, pois quando meu pai desliga o wi-fi eu vou lá e ligo ou tenho um roteador velho no meu quarto e o fio também tem lá eu só instalo.
5. Uso os aparelhos digitais para fazer qualquer coisa, mas nada que não pode.
6. Já baixei livros para ler, filmes e adoro procura sites de notícias.
7. Acho importante, porque a memória da gente fica mais ligada quando se lê alguma coisa no celular, no livro ou qualquer outra coisa.
8. Sim, pelo estudo tipo assim sora tu dá poemas, histórias para a gente ler e fazer uma interpretação e também pegamos no cantinho da leitura.
9. Pela cabeça, eu assisto muitas coisas sobre história, principalmente sobre guerras etc. aí eu paro para pensar um pouquinho e faço uma produção de texto.
10. Não, sério sora para mim não, mas seria importante para quem reprovou.

T) Emoji

1. Passeio, jogo muito no celular e brinco.
2. Tenho computador e internet na minha casa.
3. Nunca fui.
4. Uso a hora que eu quiser só paro de mexer quando estou na escola.
5. Face, *WhatsApp*, *Snapchat*, *Instagram* e conversar com amigos.
6. Não baixei livros, leio pouco no computador e no celular.
7. Acho importante para aprender mais.
8. Tem livros na biblioteca e na aula a professora é que nos dá.
9. Tenho dificuldade de escrever, não vem nada na cabeça e fico nervosa.
10. Sim, para estudar de maneira diferente.

APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

Título do projeto: CONTRIBUIÇÕES DA CIBERCULTURA PARA A LEITURA E A ESCRITA DE ESTUDANTES DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Pesquisador responsável: Marisangela Serpa Brum

Instituição: Universidade Federal do Pampa – Unipampa

Telefone celular do pesquisador para contato: (53) 984359546

Prezado (a) aluno(a), você está sendo convidada para participar, como voluntário(a), de um estudo que tem como objetivo analisar as contribuições da cibercultura para os processos de leitura e de escrita dos estudantes do 5º ano durante as aulas, com a intencionalidade de utilizar os recursos tecnológicos digitais como mediadores às práticas de leitura e escrita possibilitando as múltiplas linguagens, o trabalho colaborativo e o ciberespaço para auxiliar o ensino-aprendizagem. Este estudo está associado às atividades do Mestrado Profissional em Educação que será desenvolvido pela mestrandia Marisangela Serpa Brum pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), sob a orientação de sua professora Dr^a. Juliana Machado. A direção de sua escola está ciente e permitiu a realização da pesquisa. A realização do estudo é importante para a educação, mostrando que as tecnologias digitais também podem fazer parte do processo de aprendizagem, visto que atualmente vivemos constantemente conectados e em rede. Todas as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para a realização da pesquisa. Caso aceite participar, ao final das atividades de pesquisa da mestrandia Marisangela Serpa Brum, seu nome, assim como de seus colegas que também participarem do estudo, não será identificado em nenhum momento, sendo garantido o sigilo. O material coletado ficará disponível para sua consulta e de seus pais ou responsáveis em qualquer momento, sendo guardado sob a responsabilidade dos pesquisadores. A participação na pesquisa não acarretará em nenhum custo financeiro a você ou aos seus pais ou responsáveis. Também não haverá nenhum tipo de compensação financeira relacionada à sua participação. Caso haja qualquer despesa adicional ela será de responsabilidade dos pesquisadores. Havendo qualquer dúvida você ou seus pais ou responsáveis poderão realizar uma ligação ou mandar mensagem via aplicativo de mensagens de celular para a mestrandia Marisangela Serpa Brum, através do telefone (53) 984359546. Este termo será redigido em duas vias, ficando uma cópia com você e outra com a pesquisadora. Após a finalização do estudo os pesquisadores entregarão para todos os alunos participantes das aulas da pesquisadora mestrandia Marisangela Serpa Brum, um

relatório sobre os principais resultados do estudo. Além disto, também será entregue um relatório à direção de sua escola contendo as principais informações do estudo. Estas informações poderão auxiliar no planejamento, execução, acompanhamento e avaliação de outras aulas. Além disto, a pesquisadora ficará a disposição para o esclarecimento de eventuais dúvidas. Caso você, mesmo com o consentimento seus pais ou responsáveis, se recuse a participar do estudo ou de uma parte dele, sua vontade será respeitada. Diante do que foi exposto, solicito que você participe da pesquisa:

CONTRIBUIÇÕES DA CIBERCULTURA PARA A LEITURA E A ESCRITA DE ESTUDANTES DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Nome completo do(a) aluno(a): _____

Assinatura do(a) aluno: _____

Nome do pesquisador responsável: _____

Assinatura do pesquisador responsável: _____

Jaguaraão, ___ de _____ de 2019.

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

CONTRIBUIÇÕES DA CIBERCULTURA PARA A LEITURA E A ESCRITA DE ESTUDANTES DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Pesquisador responsável: Marisangela Serpa Brum

Pesquisadores participantes: Juliana Brandão Machado e Marisangela Serpa Brum

Instituição: Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA

Telefone celular do pesquisador para contato: (53)984359546 ou email-marisangelabrum@gmail.com

Prezado(a) responsável:

Esta pesquisa é desenvolvida no Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA – Campus Jaguarão, na linha de pesquisa “LP1: Gestão das práticas docentes na diversidade cultural e territorial”. A relevância dessa pesquisa justifica-se por dois motivos principais: o primeiro foi perceber a dificuldade dos alunos em ler e escrever textos. O segundo motivo que justifica este estudo seria mediar o uso das tecnologias digitais para produzir e ler textos com diferentes gêneros textuais. Por meio deste documento e a qualquer tempo, o (a) senhor (a) poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo, tanto pessoalmente como por telefone, utilizando o número indicado pelo pesquisador. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer nenhum tipo de penalidade ou prejuízo. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de permitir que seu (sua) filho (a) faça parte do estudo, assine, ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pela pesquisadora responsável. A proposta de trabalho consiste na organização de 10 (dez) encontros, que ocorrerão duas vezes por semana, respeitando o calendário escolar da Escola Estadual de Ensino Médio “20 de setembro”, com a presença da pesquisadora e dos alunos convidados (sujeitos participantes), os quais deverão executar as tarefas propostas pela professora pesquisadora que envolve diferentes recursos como: computadores, notebooks, smartphones ou tablets. A pesquisa exigirá a presença dos participantes durante todos os encontros e o desenvolvimento das atividades propostas. Para participar deste estudo, seu (sua) filho (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O nome e a identidade de seu (sua) filho (a) serão mantidos em sigilo e os dados da pesquisa serão armazenados pela pesquisadora responsável, observando as questões éticas que envolvem a pesquisa. Os resultados poderão ser divulgados em

publicações científicas, revistas, periódicos, sites ou outra forma de divulgação. Os resultados do referido projeto de intervenção, em seus diferentes aspectos, serão disponibilizados no relatório crítico reflexivo e aos responsáveis pelos alunos (as) e equipe diretiva da escola.

CIENTE E DE ACORDO

Participante da Pesquisa

Responsável pelo Participante da Pesquisa

Marisangela Serpa Brum (Pesquisadora)

Jaguarão, ____ de _____ de 2019.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:
Unipampa - Campus Jaguarão Endereço: Secretaria do PPGEduc, sala 511; Rua Conselheiro Diana, n.650 – Bairro Kennedy – Jaguarão/RS.

APÊNDICE E – CARTA DE APRESENTAÇÃO**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEDU**

Jaguarão, _____ de julho de 2019.

À

Sr^a _____

Diretora da Escola Estadual de Ensino Médio “20 de setembro”.

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Servimo-nos deste expediente para apresentar a estudante Marisangela Serpa Brum, devidamente matriculada no Curso de Pós Graduação em Stricto Sensu, Mestrado Profissional em Educação, em fase inicial, na elaboração do Projeto de Intervenção, requisito obrigatório para obtenção do título. Gostaríamos de contar com Vossa Senhoria no tocante à aplicação do Projeto de Intervenção que a pós-graduanda necessita realizar.

Prof^a Dr^a Juliana Brandão Machado

Orientadora – UNIPAMPA/ Campus Jaguarão

APÊNDICE F - TEXTOS ELABORADOS PELOS ALUNOS NO GRUPO DO WHATSAPP APRENDIZAGEM NO ZAP

